



Relatório da Fase II

INVENTÁRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

Dezembro 2011

Ribeirão Preto

Prefeitura Municipal - Secretaria da Cultura - Rede de Cooperação Identidades Culturais

INRC INVENTÁRIO NACIONAL DE REFÊNCIAS CULTURAIS

**Rede de Cooperação Identidades Culturais
Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto**

15/12/2011

REDE DE COOPERAÇÃO IDENTIDADES CULTURAIS



Conheça a Rede de Cooperação Identidades Culturais no Blog:

<http://redeidentidadesculturais.blogspot.com/>

Prefeita Municipal de Ribeirão Preto

Dárcy Vera

Secretária da Cultura

Adriana Silva

Diretora de Patrimônio Cultural

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Diretor Administrativo

Anderson Limas Francisco

Membros da Rede de Cooperação Identidades Culturais em 2011

	Função no INRC	ÁREA DE FORMAÇÃO	Instituição que Representa
Adriana Silva	Gestora	educação/ comunicação	Secretaria Municipal da Cultura
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa	Coordenadora/pesquisador	História/ Geografia	Dpto de Patrimônio Cultural - Secretaria da Cultura
Michelle Cartolano de Castro	Assistente de coordenação/pesquisador	História	MIS- Museu de Imagem e Som
Tânia Cristina Registro	Pesquisador	História	APHRP - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto
Antonio B. Torres	Registro audio-visual	Comunicação	MIS- Museu de Imagem e Som
Artur C. F. de Barros	Registro audio-visual	História	APHRP - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto
Maria Aparecida Gaspar	Pesquisador	História	Dpto de Patrimônio Cultural - Secretaria da Cultura
Sandra Firmino Abdala	Educação Patrimonial	História	MIS- Museu de Imagem e Som
Maria de F. S. Costa Garcia de Mattos	Pesquisador	História da Arte	Centro Universitário Moura Lacerda
Domingos J. L. Guimarães	Pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Silvia Ap. Sousa Fernandes	Pesquisador	Geografia	Centro Universitário Moura Lacerda
Sandra Rita Molina	Pesquisador	História	UNAERP
Henrique Telles Vichnewski	Pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Barão de Mauá
Nainora M. Barbosa de Freitas	Pesquisador	História	Centro Universitário Barão de Mauá
Antônio Aparecido de Souza	Pesquisador	Geografia e turismo cultural	Centro Universitário Barão de Mauá
Delson Ferreira	Pesquisador	Sociologia/antr opologia	IPERP - COC
Simone Toji	Técnica do Iphan	Antropologia	IPHAN - 9o. Regional

Carolina Dal Ben Padua	Técnica do Iphan	Arquitetura e Urbanismo	IPHAN - 9o. Regional
Marcia R. M. Okamura	Pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	Escritório de Arquitetura Marcia R. M. Okamura
Mônica Jaqueline de Oliveira	Supervisora de campo/Pesquisador	História e Artes	ACIRP
Juscélia Vitória Teixeira Fiuza	Supervisora de campo/Pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	SUAVE Comunicação e Marketing
Aurélio Manoel Corrêa Guazzelli	Pesquisador	Publicidade e Propaganda	USP
Marcos Câmara de Castro	Pesquisador	Música	FFCLRP-USP
Sérgio Luiz de Souza	Pesquisador	Sociologia	UNIESP-RP
Camila Vanessa Ferlin de Souza	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	UNISEB-COC
Eduardo Dávila Biagi	Estagiário voluntário	História	Centro Universitário Barão de Mauá
Mayara da S. Zampollo	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Mariana Basaglia Soriani	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Érica Donato de Barros	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	UNISEB-COC
Rebeca Verçosa G. Silva	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Caroline Luiza Barbosa Ferreira	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Patrícia Amaral	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Moura Lacerda
Carolina Rocha Simon	Estagiário voluntário	Arquitetura e Urbanismo	Centro Universitário Barão de Mauá
Guilherme A.B.C. Ishie	Estagiário	Música	UNAERP

RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO E ATIVIDADES DE CAMPO

Coordenação, supervisão e formatação

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Juscélia Vitória Teixeira Fiuza

Michelle Cartolano de Castro

Mônica Jaqueline de Oliveira

REDAÇÃO DOS TEXTOS

Aurélio Manoel Corrêa Guazzelli

Camila Vanessa Ferlin de Souza

Delson Ferreira

Domingos J. L. Guimarães

Henrique Telles Vichnewski

Juscélia Vitória Teixeira Fiuza

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Marcia R. M. Okamura

Marcos Câmara de Castro

Michelle Cartolano de Castro

Mônica Jaqueline de Oliveira

Nainora Maria Barbosa de Freitas

Sandra Rita Molina

APOIO

Érica Donato de Barros

Mariana Basaglia Soriani

Mayara da S. Zampollo

REGISTRO FOTOGRÁFICO

Elza Rossatto

Guilherme Piga

Carolina Simon

LOGÍSTICA E ADMINISTRATIVO

Anderson Limas Francisco

Luiz Henrique Paschoalin

Cláudia Zapparoli

APOIO

Ricardo Soares Azevedo

Igor Carlucci

Elcio Nascimento Moraes

João Fernandes de Carvalho

Valentim César Landim

SUMÁRIO

<u>Apresentação</u>	9
<u>Como ler este relatório.</u>	10
<u>1. Relatório - Grupo 1</u>	12
1.1. Estruturação das atividades de pesquisa da Rede de Cooperação Identidades Culturais para 2011.	13
1.2. Estratégia de Trabalho para 2011	17
1.3. Comentários sobre os resultados da pesquisa em 2011	19
<u>2. Relatório - Grupo 2</u>	24
2.1. Apresentação	25
2.2. Critérios para a seleção dos bens a serem inventariados.	27
2.3. Proposta do grupo para o Plano Diretor.	31
2.4. Estações ferroviárias (Companhias Mogiana e São Paulo e Minas)	37
2.5. Fazendas de café – arquitetura rural	42
<u>3. Relatório - Grupo 3</u>	54
3.1. Patrimônio Imaterial e Referências Culturais em Ribeirão Preto: história, teoria e primeiros resultados de trabalho de pesquisa de campo.	55
3.2. O Cemitério da Saudade como referência cultural.	67
<u>4. Considerações sobre a aplicação de pesquisa de cotas por questionário aplicadas em 2010.</u>	73
3.1. Percepções e entendimentos da População de Ribeirão Preto sobre a sua Identidade Cultural: Pesquisa Preliminar.	74
<u>Referências dos relatórios apresentados pelos grupos.</u>	87
<u>Anexo 1 do Relatório – INRC</u>	92
1- Ficha de Identificação do sítio Ribeirão Preto	92
2- Anexo 1 e 2	92
3- Ficha de Identificação da localidade Centro	92

4- Anexo 3 e 4	92
5- Exemplo de preenchimento de fichas e questionários em andamento	92
a. F30 - Quarteirão Paulista	92
b. Q30 – Quarteirão Paulista	92

Anexo 2 do Relatório – SICG **92**

1. Cemitério da Saudade – localidade Campos Elíseos	92
2. Estações Ferroviárias	92
3. Levantamento parcial de Bonfim Paulista	92
4. Exemplo de preenchimento de M301, M304 para arquitetura rural – Fazenda Boa Vista do Quinzinho	92

Apresentação

Difícil explicar para o jornalista que insiste em perguntar o que é a Rede de Cooperação Identidades Culturais. Ele exige materialidade, nós entregamos conceitos, metas, objetivos, cronograma e então a matéria se perde na pauta do jornal e da TV.

Tem sido assim ao longo dos dois últimos anos. Nem todos conseguem dimensionar a importância da proposta do Inventário de Referências Culturais de Ribeirão Preto. Mas o trabalho, ainda em curso, já provocou mudanças, interferiu e, o mais importante, capacitou tecnicamente gestores e pesquisadores.

Hoje sabemos mais, muito mais. E, sabemos ainda, o que é muito significativo, onde devemos chegar. O que era vulnerável está se tornando aparente. O que era conhecimento de poucos está sendo registrado, o que Ribeirão Preto escondia está sendo revelado.

A Secretaria da Cultura que era tão somente promotora se tornou parte de um processo de gestão administrativa amplo e participa ativamente do projeto de Revitalização do Centro da cidade, até pouco tempo restrito ao Planejamento, é consultada e se tornou condutora de importantes iniciativas de ocupação de vazios urbanos, é proponente de leis de incentivo e de proteção do patrimônio, interfere no Plano Diretor e tem sido ouvida, pois se apoderou, nos últimos dois anos, de conhecimentos que refletem o que a cidade foi e, por isso, aquilo que ela se tornou.

O Inventário de Referências Culturais que está sendo realizado pela Secretaria da Cultura a partir de convênio com o Iphan, parceria com instituições de ensino superior e entidades organizadas, não é simplesmente um instrumento de peso cultural, é sim uma ferramenta de gestão que não pode ser ignorada se o objetivo é propor o fortalecimento das relações entre o cidadão e sua cidade.

Adriana Silva

Secretária da Cultura

Como ler este relatório.

Cumpridos dois anos de intensa atividade, a Rede de Cooperação apresenta o segundo Relatório de Pesquisa à comunidade de Ribeirão Preto e às instituições que são membros ou parceiros.

Este documento foi estruturado em quatro partes. O item 1, Relatório do Grupo 1, apresenta o plano de trabalho executado em 2011. O texto define a Rede de Cooperação, a constituição dos grupos de trabalho, a base teórica, os recortes definidos para a pesquisa e a metodologia utilizada. Esclarece as adequações feitas no projeto, a partir da análise do IPHAN sobre o Relatório da Fase 1 e comenta brevemente os resultados da coleta de dados empreendida pelos grupos.

No item 2 o leitor é esclarecido quanto às atividades empreendidas, até o presente momento pelo Grupo 2, em particular na identificação das edificações, como categoria do INRC. Nessa parte, é possível observar os critérios de seleção dos imóveis do centro histórico de Ribeirão Preto e Bonfim Paulista; as propostas do grupo para o Plano Diretor do município e o levantamento preliminar das Fazendas de Café e Estações Ferroviárias de Ribeirão Preto.

As reflexões teóricas e o andamento das pesquisas de campo produzidas pelo Grupo 3 podem ser apreciados na parte 3 deste relatório. Muito amadurecido teoricamente, o grupo oferece ao leitor um panorama da complexidade do trabalho de identificação sob a sua responsabilidade das categorias: formas de expressão, lugar, ofícios e modos de fazer e celebração. O item 3.2., dedica-se a descrever a trajetória da pesquisa piloto, com o Cemitério da Saudade.

O item 4 vem em resposta ao questionamento feito pelo IPHAN sobre o relatório da fase 1, no início de 2011. No documento os técnicos solicitaram esclarecimentos e o aprofundamento da metodologia empregada nas pesquisas aplicadas em 2010. Visando divulgar os resultados e atender ao pedido do IPHAN, os pesquisadores Delson Ferreira e Daniela Tincani escreveram um artigo (publicado no VII ENECULT). Este artigo foi reproduzido na íntegra neste documento.

Entende-se que o preenchimento dos instrumentos de pesquisa do INRC e do SICG somente estará completo no final do inventário. Mesmo assim, os pesquisadores da Rede entenderam ser extremamente importante apresentar uma amostragem de como as fichas estão sendo feitas.

Dessa forma, o Anexo 1 do Relatório, contém as Fichas de Identificação do sítio Ribeirão Preto, com os anexos 1 e 2 do INRC; e da localidade Centro, com os anexos 3 e 4 do INRC. Optou-se por não anexar a Ficha de Identificação do sítio Bonfim Paulista por acreditar-se que ela ainda precisa de lapidação quanto à pesquisa de campo e documental. Como exemplo de como estão sendo feitas as fichas dos bens inventariados, foi escolhida a F30 do Quarteirão Paulista, por ser esta a mais completa até o presente momento.

O Anexo 2 do Relatório contém exemplos de como as fichas do módulo cadastro do SICG estão sendo utilizadas. Dado o enorme volume (mais de 700 bens até agora) optou-se por anexar exemplos que se encontram mais detalhado pela pesquisa: o Cemitério da Saudade e as Estações Ferroviárias. De Bonfim Paulista anexou-se uma amostragem de cerca de 20 fichas, M301 e M302, de um universo de aproximadamente 50 edificações. No item 4, do Anexo 2, o leitor tem uma amostra das fichas M301 e M304, preenchidas para arquitetura rural da Fazenda Boa Vista do Quinzinho, um exemplo significativo de um conjunto de aproximadamente 40 fazendas. Neste caso, é importante relatar que o levantamento das fazendas ainda é preliminar e será ampliado para toda a área rural do município.

O que se espera com este relatório é proporcionar ao IPHAN, aos membros da Rede de Cooperação Identidades Culturais e ao público em geral, uma ideia da extensão e da abrangência da pesquisa que está sendo realizada sobre as referências culturais de Ribeirão Preto.

1. Relatório - Grupo 1



1.1. Estruturação das atividades de pesquisa da Rede de Cooperação Identidades Culturais para 2011.

O INRC, Inventário Nacional de Referências Culturais, é um instrumento de identificação e documentação de bens culturais de natureza material e imaterial, elaborado pelo IPHAN (INRC, 2000). A aplicação da metodologia de pesquisa do INRC permite a incorporação de informações “sistematizadas, produzidas em cada experiência de implantação” do inventário pelo IPHAN (INRC, 2000, p. 9).

Esta experiência do órgão federal foi iniciada em Ribeirão Preto em novembro de 2009. Para a execução do INRC no município foi criada a **Rede de Cooperação Identidades Culturais**. Em sua essência, essa Rede tem natureza interdisciplinar e interinstitucional, caracterizando-se como um colegiado de pesquisadores, oriundos de entidades de Ensino Superior, técnicos do poder público municipal (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto) e federal (IPHAN) e de outras instituições e órgãos afins.

O trabalho dos pesquisadores é pautado pela metodologia do INRC, adotando como conceito norteador a noção de “referência cultural”. Para Cecília Londres, que escreveu o texto de apresentação do Manual de Aplicação do INRC (2000):

Quando se fala em “referências culturais”, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens – que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu “peso” material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados (LONDRES, In: INRC, 2000, p. 11-12).

Com base nesse referencial, o INRC tem como objetivo, para a sua consecução em Ribeirão Preto, a identificação e a documentação das referências culturais do ribeirãopretano. Busca-se a compreensão dos sentidos e os significados atribuídos aos bens culturais pelos moradores da localidade.

O inventário tem como recorte territorial o município de Ribeirão Preto e o distrito de Bonfim Paulista. O recorte temático e temporal da pesquisa segue a fase áurea da cafeicultura na região, entre 1870 e 1950. Em outras palavras, a Rede se propõe a identificar as referências que se relacionam direta ou indiretamente com as práticas culturais e socioeconômicas do período do café no nordeste do Estado de São Paulo. A metodologia do IPHAN empregada envolve três fases: O levantamento preliminar, a Identificação e a documentação (INRC, 2000).

O levantamento preliminar foi realizado a partir de pesquisas em fontes primárias e secundárias disponíveis em arquivos públicos e pessoais, além de entrevistas que visam relacionar os bens culturais a serem inventariados na próxima etapa. A segunda fase do trabalho é a de identificação. Seu objetivo é reunir informações, descrever com detalhes as ocorrências relevantes e mapear as relações entre a população e os bens identificados. Esta etapa é desenvolvida principalmente por meio de entrevistas com pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o bem. Por último, a etapa de documentação promove estudos técnicos, implicando na criação e autoria individual do pesquisador ou artista, vindo, obrigatoriamente da observação direta dos bens inventariados (IPHAN, 2000).

Dentro da metodologia do INRC, as referências culturais dividem-se em cinco categorias: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares.

Para facilitar, por sua vez, a organização técnica dos trabalhos de campo e de gabinete, os pesquisadores foram subdivididos em grupos menores, mantendo-se sempre o caráter interdisciplinar: Grupo 1, responsável pela coordenação, acompanhamento e apoio técnico ao projeto; Grupo 2, dedicado às pesquisas das edificações (com o instrumento do INRC e do SICG); Grupo 3: voltado para a identificação das demais categorias (celebrações, formas de expressão, modos de fazer e lugares); e Grupo 4, responsável pela descrição e caracterização da paisagem natural do município.

Como opção metodológica inicial o trabalho dividiu o sítio de pesquisa, Ribeirão Preto, em seis localidades: Centro, bairros Campos Elíseos, Vila

Tibério, Vila Virgínia (República), Ipiranga (Barracão) e distrito de Bonfim Paulista. O resultado das atividades de campo, que buscaram os significados atribuídos pela população a estas localidades, determinou uma mudança da percepção do Distrito de Bonfim Paulista que passou a ser identificado como Sítio, tendo em vista o forte laço identitário da população local com as referências culturais próprias daquele espaço. Ao término do levantamento preliminar foi apresentado o Relatório da Fase 1 do Inventário de Referências Culturais, que subsidiou a elaboração do Programa de Preservação e Proteção do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto.

Após a leitura e a análise do Relatório da fase 1 (2010), os técnicos do IPHAN consideraram que:

1. A pesquisa atendeu plenamente ao critério de que os sentidos culturais devem ser apreendidos a partir da perspectiva dos sujeitos sociais envolvidos;
2. O Relatório da Fase 1 ainda manteve a divisão entre bem material e imaterial, com capítulos separados para cada categoria. Sugere para a fase 2 que sejam utilizadas as categorias de celebrações, ofícios e modos de fazer, formas de expressão, lugares e edificações. As categorias patrimônio material e imaterial deverão ser usadas quando forem indicados os instrumentos legais de proteção;
3. A realização da pesquisa por meio de amostras populacionais com critérios pré-estabelecidos valorizou a percepção dos moradores das localidades selecionadas sobre os bens culturais e a ação municipal na área, apresentando um instrumento original para fazer parte dos inventários;
4. Os resultados dos registros realizados pelo MIS devem ser considerados como trabalho de campo e incorporados ao INRC; que sejam recolhidos os termos de autorizações de uso de imagem e de som junto às pessoas entrevistadas.

Considerações do Iphan sobre a proposta de reconhecimento de Paisagem Cultural do Café.

1. Promover a seleção e o aprofundamento das informações para

consolidar o pedido de Paisagem Cultural do Café:

- a. As edificações identificadas nos sítios e localidades devem ter o seu significado relacionado com a história do município e com a importância/significado destes para a comunidade, assim como se faz necessário traçar diretrizes sólidas para a sua proteção e preservação. Para isso o Iphan sugere a utilização do SICG; foi ressaltado, também, que é importante identificar um possível tratamento de conjuntos edificados sob a denominação de patrimônio vinculado à dinâmica do café no oeste paulista até a de patrimônio industrial no interior paulista;
- b. Estender os estudos das edificações a outros tipos de conjuntos e infraestrutura: fazendas (incluindo áreas com plantação de café), às estações de trem, às fábricas e a outros elementos desse período, articulando-os dentro de uma abordagem temática específica;
- c. Articular as edificações com as demais categorias de patrimônio, como celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer e lugares, aplicando uma noção ampliada de Patrimônio Cultural;
- d. Aprofundar o estudo das relações de interação entre os elementos naturais e elementos humanos. Além da ocupação do espaço urbano seria importante incluir no aprofundamento dos estudos as fazendas e plantações de áreas de café, articulando o emprego de saberes e modos de cultivar, beneficiar e comercializar a cultura do café e toda a infraestrutura necessária para isso, como galpões de estocagem, a rede ferroviária envolvida, etc. Enfim, deve ser considerada a relação recíproca entre ambiente natural e espaços culturais.

Finalmente, as técnicas do Iphan consideraram que:

1. Seria importante realizar considerações sobre a aplicação de pesquisa de cotas por questionário e sobre o refinamento dos campos para a cronologia histórica, de modo a avaliar os alcances

- da metodologia do INRC e de propor aperfeiçoamentos a ela;
2. A experiência de realização do INRC em Ribeirão Preto é original e exemplar ao: a) considerar a realização de uma pesquisa de caráter cultural como instrumento de gestão e de articulação com outros setores de atuação do poder público municipal; b) articular as esferas do poder público e da sociedade civil; c) estar orientada para dialogar com os sentidos culturais e sociais da população local; d) propor diretrizes de ação para o poder público;
 3. A experiência de Ribeirão Preto é um caso paradigmático dentro do campo da cultura e do patrimônio, sendo considerado como um “piloto” pelo Iphan, que pensa na possibilidade de depois concebê-lo como método/tecnologia social a ser referenciada e multiplicada.

Com base nas orientações e na análise dos técnicos do IPHAN foi elaborado o plano de trabalho para a pesquisa em 2011.

Em 2011, a Rede de Cooperação teve como objetivo a finalização do levantamento preliminar proposto na fase, particularmente em relação às fazendas de café e estações ferroviárias. Quanto às localidades urbanas, as atividades foram restritas ao Distrito de Bonfim Paulista e ao Centro Histórico do município. Esta escolha justifica-se pela abrangência geográfica destas duas áreas, cujas atividades de pesquisa serão descritas a seguir.

1.2. Estratégia de Trabalho para 2011

Proposta de divisão em grupos setoriais

Grupo 1: Atividade: Gestão e Coordenação

INSTITUIÇÃO	MEMBROS	Função no INRC	ÁREA DE FORMAÇÃO	E-MAIL
Sec. Cultura	Adriana Silva	Gestora	educação/ comunicação	asilva@cultura.pmrp.com.br
Sec. Cultura	Lilian Rodrigues de	Coordenadora	História/	lrosa@cultura.pmrp.com.br

	Oliveira Rosa		Geografia	
Sec. Cultura	Mônica Jaqueline de Oliveira	Apoio operacional e pesquisadora	História/estudante artes	Monka_sud@yahoo.com.br ; monkajak_ap@hotmail.com
Sec. Cultura	Juscélia Vitória Teixeira Fiuza	pesquisadora	Arquitetura e Urbanismo	jusceliafiuza.arq@gmail.com
Sec. Cultura/Arquivo	Michelle Cartolano de Castro	Ass. de coordenação	História	arquivo@cultura.pmrp.com.br
Sec. Cultura/Arquivo	Tânia Cristina Registro	pesquisadora	História	arquivo@cultura.pmrp.com.br
Sec. Cultura/MIS	Maria Aparecida Gaspar	pesquisador/memória oral	História	babygaspar@gmail.com

Grupo 2: Atividade: Inventário da Categoria Edificações e SICG

INSTITUIÇÃO	MEMBROS	Função no INRC	ÁREA DE FORMAÇÃO	E-MAIL
Centro Universitário Moura Lacerda	Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos	pesquisadora	História da Arte	mffmattos@gmail.com
Centro Universitário Moura Lacerda	Domingos J. L. Guimarães	pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	domingosjlq@gamil.com
Centro Universitário Barão de Mauá	Henrique Telles Vichnewski	pesquisador	Arquitetura e Urbanismo	htvichi@gmail.com
	Marcia R. M. Okamura	pesquisadora	Arquitetura e Urbanismo	Márciaokamura@ig.com.br
Centro Universitário Barão de Mauá	Nainora Maria Barbosa de Freitas	pesquisadora	História	nainora.maria@yahoo.com.br

Grupo 3: Atividade: Inventário das Categorias Celebrações, Ofícios e Modos de Fazer , formas de Expressão e Lugar.

INSTITUIÇÃO	MEMBROS	Função no INRC	ÁREA DE FORMAÇÃO	E-MAIL
Faculdades COC - IPERP	Delson Ferreira	pesquisador	sociologia e antropologia	delsonferreira@gmail.com
UNAERP	Sandra Rita Molina	pesquisadora	História	sandmol@terra.com.br
USP	Marcos de C. Câmara	Pesquisador	Música	
USP	Aurélio Guazelli	Pesquisador	Publicidade	

Grupo 4: Atividade: Paisagem Cultural – integração de dados para o protocolo da chancela de Paisagem Cultural do Café

INSTITUIÇÃO	MEMBROS	Função no INRC	ÁREA DE FORMAÇÃO	E-MAIL
Centro Un Moura Lacerda	Silvia Ap. Sousa Fernandes	pesquisadora	Geografia/ sociologia	silvia-sousa@uol.com.br
Centro Un Barão de Mauá	Antônio Aparecido de Souza	pesquisador	Geografia	asouza@uol.com.br

Cronograma de trabalho 2011

Atividade	Jan/Fe v	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez.
Renovação das parcerias de pesquisa	X	X									X
Elaboração e Implantação do Programa de Preservação do Patrimônio Cultural	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Análise do Relatório da Fase 1 pelo Iphan	X	X									
Trabalho de campo para identificação de referências culturais		X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Visita das Técnicas do Iphan		15-16			X					X	
Reunião Geral da Rede de Cooperação		30			28					23	
Reuniões Setoriais			X	X	X		X	X	X	X	X
Entrega dos relatórios dos Grupos e avaliação dos resultados										X	
Protocolo Pedido de Tombamento do Quarteirão Paulista									X		

1.3. Comentários sobre os resultados da pesquisa em 2011

É importante destacar que a divisão entre os grupos foi meramente de natureza prática. O objetivo foi facilitar as reuniões e os trabalhos de campo. Independente da divisão de trabalho, toda a produção dos grupos foi continuamente acompanhada e articulada pelo grupo de coordenação e gestão (G1). Os membros do G1 mantiveram a função primordial de intercâmbio de

informações, coesão teórica e articulação das atividades. Isto possibilitou que se evitasse a execução do trabalho com a permanência da dicotomia entre patrimônio material e imaterial, observada pelo IPHAN no relatório da fase 1.

Embora o INRC e o SICG de Ribeirão Preto ainda não estejam concluídos, os pesquisadores da Rede de Cooperação Identidades Culturais entenderam ser importante a apresentação à comunidade e ao IPHAN do relatório das atividades desenvolvidas ao longo deste ano. Mesmo que estas sejam relativas aos dados parciais coletados em relação a todo o recorte geográfico e temático definido para a pesquisa, elas servirão de base para avaliar o andamento do projeto. Ao término deste ano, os grupos concluíram as seguintes atividades:

Quanto aos sítios e às localidades (INRC)

1. Ficha de Identificação do sítio Ribeirão Preto;
2. Anexos 1 e 2 do sítio Ribeirão Preto;
3. Ficha da localidade Centro;
4. Anexos 3 e 4 da localidade Centro;
5. Preenchimento da F30 de 10 Igrejas da localidade Centro;
6. Ficha de Identificação do sítio Bonfim Paulista;
7. Anexos 1, 2, 3 e 4 do sítio Bonfim Paulista;
8. Preenchimento parcial das fichas de identificação referentes aos bens dentro das cinco categorias de referências culturais (dados nos relatórios do G2 e G3)
9. Realização de aplicação dos questionários do INRC para todas as categorias de referências culturais (observar relatório do G3)

Quanto ao SICG

1. Bonfim Paulista - Abertura das fichas do SICG (M301 e M302) para os imóveis selecionados no sítio Bonfim Paulista (as fichas ainda precisam passar por revisão e os imóveis serão caracterizados quanto à arquitetura externa). Todos os imóveis já foram fotografados e selecionados a partir do critério descrito no relatório do G2;
2. Estações ferroviárias - Preenchimento parcial das fichas do SICG (M301, M302, M306);
3. Arquitetura religiosa – todos os edifícios foram fotografados e abertas as fichas M301 e M302 (todos os imóveis ainda precisam ser caracterizados quanto à arquitetura externa).

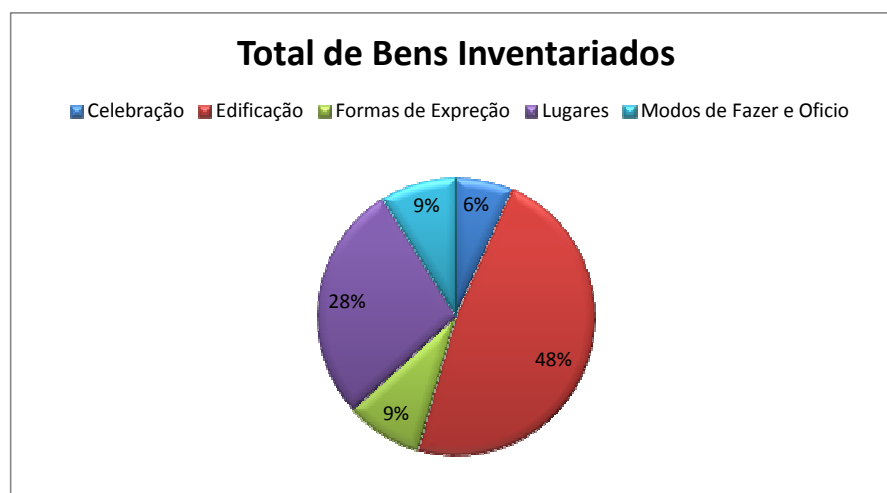
Observa-se, abaixo, o total de bens inventariados, por categoria, do sítio Ribeirão Preto até o presente momento.

Total de Bens Inventariados - INRC por categoria –
Sítio Ribeirão Preto. Data nov. 2011.

Celebrações	06
Edificações	43*
Formas de Expressões	08
Lugares	25
Modos de Fazer e Ofícios	08
Total de Bens inventariados	90

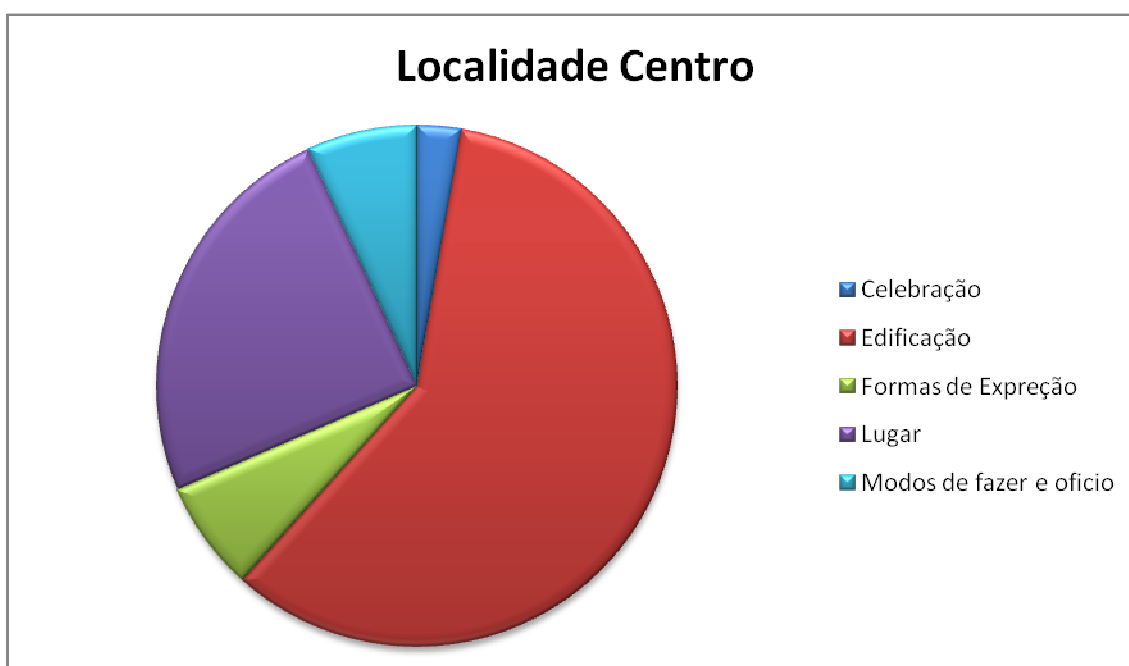
*Número de bens Inventariados somente na localidade Centro

Gráfico: Total de Bens Inventariados no Sítio Ribeirão Preto- INRC – Nov. 2011.



Total de Bens Inventariados por categoria no
Centro de Ribeirão Preto - INRC

Celebrações	02
Edificações	43
Formas de Expressões	05
Lugares	18
Modos de Fazer e Ofícios	05
Total de Bens inventariados	73



TOTAL de bens culturais em processo de inventário (INRC-SICG)

LOCALIDADES	INRC		SICG
	F30	F50	
Centro histórico	43	18	698
Dist. Bonfim Paulista			48
Fazendas de café	-	-	36
Estações Ferroviárias	1	-	9
TOTAL			

FORNE: REDE DE COOPERAÇÃO IDENTIDADES CULTURAIS, 2011.

Este quadro resume o total de bens inventariados com o instrumento do SICG e do INRC até dezembro de 2011.

Além dessas atividades, cujos resultados podem ser observados nos quadros e gráficos acima, os grupos 1, 2 e 3 elaboraram o Dossiê para o pedido de tombamento do Quarteirão Paulista ao IPHAN. Para a feitura do documento a Rede contou com os dados coletados ao longo dos dois anos de pesquisa. O pedido foi encaminhado à 9ª. Regional do IPHAN – São Paulo, no dia 31 de outubro de 2011.

Ressalta-se que a Rede de Cooperação e a Secretaria Municipal da Cultura promoveram a difusão do conhecimento acumulado. Entre as ações promovidas esteve o lançamento de quatro obras da Coleção Identidades culturais: Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé; A música em Ribeirão Preto: manifestações do começo do século XX; Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais; e A História contada através da arquitetura de uma rua. Também foram lançados três documentários: “Supremo adeus: biografia de Pousa Goudinho”; “Os sonhos nunca envelhecem: Teatro de Arena; “No centro da história: a memória em movimento”.

Todas as obras da Coleção Identidades Culturais e demais documentos da Rede podem ser apreciados no blog do projeto: <http://redeidentidadesculturais.blogspot.com/>. Neste endereço eletrônico são disponibilizadas semanalmente as pesquisas em andamento levadas a cabo pelos membros da Rede de Cooperação.

2. Relatório - Grupo 2



2.1. Apresentação

O Grupo2 (G2) é responsável pelo inventário da categoria edificações no município de Ribeirão Preto, usando para esta tarefa as metodologias do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) e do SICG (Sistema Integrado de Cadastro e Gestão), elaboradas pelo IPHAN. Estabeleceu como meta, ao longo de 2011, a identificação dos imóveis que apresentam significado artístico, arquitetônico e ou simbólico, pautando-se na noção de referência cultural (INRC, 2000). Com base neste conceito e tendo em mãos os resultados do levantamento preliminar de 2010¹, a equipe do G2(04 pesquisadores, 01 supervisora de campo e 8 estagiários voluntários) realizou o trabalho de campo na área escolhida para a pesquisa em 2011.

Dos dois sítios definidos como o recorte geográfico (Ribeirão Preto e o Distrito de Bonfim Paulista) para a aplicação do INRC-SICG (REDE, 2010), delimitou-se como objeto de pesquisa para 2011, o sítio de Bonfim Paulista, o centro histórico de Ribeirão Preto, as fazendas remanescentes da cultura do café e as estações ferroviárias das Companhias Mogiana e Paulista.

O centro histórico é demarcado pelo quadrilátero central de Ribeirão Preto (formado pelas avenidas Nove de Julho, Independência, Francisco Junqueira e Jerônimo Gonçalves). Para a consecução das atividades de campo foram usados dois instrumentos de pesquisa: o INRC e o SICG.

Usando os questionários (Q30) que compõem a metodologia do INRC, os pesquisadores selecionaram as edificações que seriam inventariadas no centro de Ribeirão Preto e em Bonfim Paulista. As informações coletadas foram associadas aos dados colhidos em 2010, por meio de entrevistas feitas durante o levantamento preliminar.² É importante considerar que o INRC ainda está em fase de aplicação nessas duas áreas, nas fazendas e estações. Está concluído

¹ Em 2010 a Rede de Cooperação Identidades Culturais entrevistou parte da população de Ribeirão Preto, com o objetivo de identificar preliminarmente as suas principais referências culturais. Confira o trabalho no Relatório da Fase 1 do INRC. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/relatorio.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

² FERREIRA, D.; TINCANI, D. **Percepções e entendimentos da população de Ribeirão Preto sobre a sua identidade cultural**: pesquisa preliminar. Anais do VII ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Bahia, 2010. Disponível em: <<http://redeidentidadesculturais.blogspot.com/2011/09/percepcao-da-populacao-de-ribeirao.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

apenas o levantamento preliminar, constante do item 2.1 deste relatório, referente ao anexo 3 (Bens inventariados).

Além dos bens identificados com a metodologia do INRC, considerados como referências culturais marcantes pelos informantes, os pesquisadores entenderam ser necessário expandir a pesquisa para edificações que se encontram no entorno destes bens, sem as quais não seria possível ter uma ideia do conjunto.

Desta forma, decidiu-se cobrir exaustivamente o perímetro definido para a pesquisa. Todas as ruas do centro histórico de Ribeirão Preto e do distrito de Bonfim Paulista foram percorridas a pé. Na zona rural, onde a equipe está identificando as antigas fazendas de café e as estações de trem ainda existentes, as visitas foram realizadas com o veículo da Secretaria Municipal da Cultura e com o apoio da Patrulha Rural. Durante este trabalho eram pré-selecionados e fotografados os imóveis, com base em critérios que serão apresentados mais adiante neste texto.

Para sistematizar as informações de natureza artística e arquitetônica o grupo, por sugestão dos técnicos do IPHAN, utilizou o SICG. Foram aplicadas as fichas M301 (Cadastro) e M302 (Caracterização Externa) para o centro e Bonfim Paulista; as M301, M302 e M304 para as fazendas; as M301, M302 e M306 para as estações ferroviárias.

É importante informar que o número de bens inventariados que constam do anexo 3 (Bens inventariados) do INRC, não é o mesmo da listagem de bens inventariados com o instrumento do SICG. Isto se justifica pela identificação de bens cujo valor simbólico está no conjunto das edificações que, isoladamente, perderiam, na visão da população, parcialmente o seu significado. Como exemplo é possível citar o Quarteirão Paulista, que é formado por três edifícios e foi inserido na ficha de identificação do INRC (F30) como um conjunto único. Outro exemplo é a Rua Mariana Junqueira, antiga Rua do Comércio. Esta via foi categorizada como Lugar, com base nos instrumentos do INRC. Desta forma, está sendo preenchida uma única ficha de identificação (F50) para toda a rua. Contudo, com o objetivo de sistematizar mais detalhadamente as características arquitetônicas dos imóveis da rua, que totalizam 41, o grupo definiu como parâmetro, o preenchimento das fichas

M301 e M302 para cada imóvel selecionado, tendo por base o seu número no Cadastro Técnico Municipal e a Matrícula no Cartório de Registro de Imóveis. Quando o imóvel não apresenta nenhum dos dois números, opta-se pelo preenchimento do endereço (rua e número).

Quadro 1: Quantificação de bens culturais em processo de inventário (INRC-SICG)

LOCALIDADES	INRC		SICG
	F30	F50	
Centro histórico	43	18	698
Dist. Bonfim Paulista	5	4	48
Fazendas de café	-	-	36
Estações Ferroviárias	-	-	9
TOTAL	48	22	791

2.2. Critérios para a seleção dos bens a serem inventariados.

No distrito de Bonfim Paulista, o acervo arquitetônico encontrado apresenta uma tipologia estilística que vai desde as configurações de nossa arquitetura rural do século XIX, com fortes traços de nossa herança colonial, até o ecletismo recorrente em nossa região, no início do século XX.

No quadrilátero central de Ribeirão Preto foi identificado não mais a tipologia arquitetônica do século XIX, mas um montante representativo do nosso ecletismo paulista. Os exemplares abarcam casas térreas e ou sobrados alinhados à calçada, com um ou dois recuos laterais. Estes imóveis exibem platibandas ornamentadas e inúmeras composições formadas por pilastras, frontões, cornijas, frisos, arabescos na fachada, portões e gradis de ferro e caixilhos e bandeiras de madeira, que datam aproximadamente das três primeiras décadas do século XX.

A partir desse período, encontramos obras ditas “neocoloniais” simplificadas, muitas ainda alinhadas às calçadas e algumas já implantadas no centro do lote. Houve também uma transformação de algumas edificações ecléticas despolicizadas, que renovaram suas fachadas com a nova roupagem do *Art-déco*. Também se observou edificações reconhecidas com tipologia

“racionalista”(aquelas que ainda não apresentam uma gramática tipológica plena modernista).



Foto 1: Exemplo de arquitetura racionalista.
Localização: Rua Amador Bueno, 262 e 274.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.



Foto 2: Exemplo de arquitetura racionalista.
Localização: Amador Bueno, 640 e 646.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.

Os imóveis de Bonfim Paulista e do centro histórico de Ribeirão Preto, remanescentes das primeiras décadas do século XX, já tinham sido categorizados como edificações³ pelo grupo durante o levantamento preliminar, em 2010. Estas estruturas de pedra e cal estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares (INRC, 2000). Com isto em mente, cabia ao grupo definir, também, os critérios metodológicos que os guiassem na seleção dos bens edificados quanto aos valores arquitetônicos e estéticos.

Os critérios metodológicos que o grupo utilizou para a seleção dessas edificações partem principalmente de uma configuração que apresente:

³ Referência às cinco categorias de referências culturais do INRC (ofícios e modos de fazer, edificações, celebrações, lugares e formas de expressão).

1) Aspecto tipológico arquitetônico e estilístico íntegro, bem definido e que apresenta pouca ou nenhuma descaracterização (valor estético)

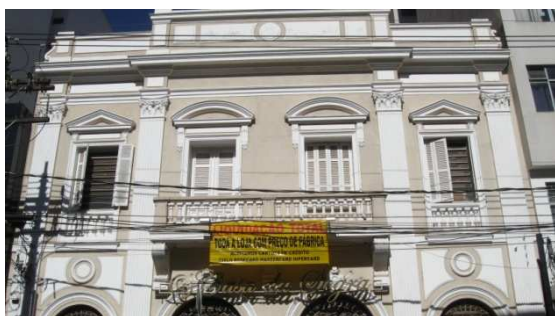


FOTO 3: IMÓVEL DE VALOR ESTÉTICO.
Localização: Rua General Osório, 334.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.



FOTO 4: IMÓVEL DE VALOR ESTÉTICO.
Localização: Rua Mariana Junqueira, 385
Foto: Rede de Cooperação, 2011.

2) Tipologia arquitetônica caracterizada pela simplicidade formal e compositiva (fachada e planta), “obras modestas”, bem conservadas e com pouca ou nenhuma descaracterização (valor histórico)



Foto 5: Exemplo de arquitetura modesta com nenhuma descaracterização.
Localização: Rua Duque de Caxias, 1344.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.

3) Tipologia arquitetônica caracterizada pelo uso comercial (vendas, empórios, armazéns de secos e molhados), exemplares em sua maioria térreos e implantados na esquina, com platibanda, portas altas e largas, com bandeiras e pequenas janelas (em alguns casos possivelmente era conjugado com residência)



Foto 6: Comércio de esquina. Data na platibanda de 1915
Localização: Rua Florêncio de Abreu, 1059.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.



Foto 7: Tipologia comercial não implantada na esquina.
Localização: Rua Florêncio de Abreu, 1401.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.

4) Exemplos que contêm técnicas construtivas relevantes



Foto 6: Edifício Diederichsen construído com a técnica do concreto armado.

Localização: Rua Álvares Cabral esquina com Rua General Ozório.



Foto 7: Edifício Diederichsen.

Localização: Rua Álvares Cabral, 495.

5) Exemplos com potencial tipológico arquitetônico/estético, mas que se encontram “envelopados” ou escondidos por placas, caixas e informativos de publicidade



Foto 8: Imóvel envolapado.

Localização: Rua Saldanha Marinho.



Foto 9: Imóvel envolapado.

Localização: Rua Tibiriçá, 73.

6) Exemplos com potencial tipológico arquitetônico com pouca alteração em toda a sua parte interna (planta, caixilhos, piso, forro etc.)



Foto 8: Imóvel com o interior preservado. Casarão Camilo de Matos.

Localização: Rua Duque de Caxias, 625.

7) Conjuntos arquitetônicos espacialmente organizados em vielas e travessas, em sua maioria ruas estreitas sem saída (algumas em paralelepípedo), formando pequenas vilas e geralmente apresentando uma tipologia formal homogênea.



Foto 12: Vila Correia.
Localização: Rua Florêncio de Abreu.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.



Foto 9: Vila di Toscana.
Localização: Rua Américo
Brasiliense, 1205.

8) Exemplares com tipologia simples para armazenamento de mercadorias, “galpões” geralmente de portas altas e largas e poucos ornamentos.



Foto 13: Vila Correia.
Localização: Rua Florêncio de Abreu.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.



Foto 14: Galpão comercial com data na platibanda.
Localização: Rua Saldanha Marinho, 1058.
Foto: Rede de Cooperação, 2011.

Pensando em políticas públicas de preservação do Patrimônio Cultural do município, o grupo 3 enviou uma proposta à Secretaria Municipal da Cultura, visando contribuir para a elaboração do Plano Diretor. A proposta é descrita adiante.

2.3. Proposta do grupo para o Plano Diretor.

Para o Centro Histórico, o Grupo 3 propôs a criação e a continuidade da mancha do “corredor cultural” da Rua José Bonifácio, em direção à Visconde do Rio Branco e Mariana Junqueira (antiga Rua do Comércio) – na Visconde do Rio Branco com a existência do antigo cinema São Jorge, continuação da Cervejaria Paulista. Entre a Rua Mariana Junqueira e a Rua Visconde do Rio Branco, com o limite até a Rua Visconde de Inhaúma (antiga rua de ligação à estrada de Batatais, pelo mapa de 1884) com a existência da pequena alameda (Praça Portugal).

A Rua Mariana Junqueira – datada nas platibandas – 1919, 1920, e a partir do número 368 já apresenta um edifício na esquina com a Rua Amador Bueno, com implantação no centro do lote de tipologia Neocolonial e sobrados ecléticos com afastamentos laterais.

A Rua Visconde do Rio Branco, a partir do número 734 e a partir da Rua Visconde de Inhaúma, apresenta uma tipologia arquitetônica, não só de edificações ecléticas, de porão alto, com um ou outro afastamento, mas também edificações afastadas da calçada dentro do padrão “moderno” do século XX (*Art’Deco*), conforme o código municipal, mesclando em uma mesma rua o Neocolonial simplificado, o ecletismo e o *Art’Deco*. Essa mancha apresenta um conjunto de exemplares, em bom estado de preservação, sem muita descaracterização.

Com a busca da salvaguarda dos bens é interessante propor um nível de preservação das fachadas de toda essa mancha e em alguns casos da planta e implantação.

Pode-se subdividir o centro em 6 Categorias Arquitetônicas:

Casarões, praças, escolas, hospitais, comércio e prestação de serviços, residências.

A partir das análises anteriores é possível prever três manchas arquitetônicas no Quadrilátero Central:

MANCHA 1: Apresenta uma estética arquitetônica predominantemente eclética (miscelânea de ornamentos historicistas, *Art’Decó* e Neocolonial simplificado)

desde casas térreas e sobrados com porão e alinhadas á calçada até casas maiores implantadas no centro dos lotes.

MANCHA 2: Apresenta uma estética arquitetônica predominantemente eclética - grandes estruturas arquitetônicas (palacetes e casarões), casas térreas e sobrados com porão e alinhadas à calçada (bem descaracterizados, devido à presente maciça de comércio), além das praças, escolas, hospitais.

MANCHA 3: Sem muitas alterações na arquitetura, que é composta esteticamente por imóveis a partir da década de 1920 e 1930 como Neocolonial erudito e simplificado em sua maioria.

2.4. Arquitetura religiosa

Além dessa seleção de edificações civis, foi realizado também, no segundo semestre de 2011, um amplo levantamento das **instituições religiosas** de Ribeirão Preto (centro) e do distrito de Bonfim Paulista, com um resultado **seletivo de 11 edificações**. O recorte temporal de 1870 a 1950, excluiu do levantamento algumas igrejas, como a 1ª Igreja Batista, fundada em 1924, porém a edificação atual é dos anos 1970. Esses imóveis serão estudados posteriormente para refletir a possível categorização como Lugar.

A listagem das edificações religiosas no recorte temporal do século XIX até 1950 consta de:

Bonfim Paulista

Igreja do Senhor Bom Jesus do Bonfim – 1898

Ribeirão Preto - centro

- Catedral Metropolitana de São Sebastião – 1905-1917 – Praça das Bandeiras s/n.

- Igreja São Benedito - década 1920 – Rua Prudente de Moraes, n. 667

- Igreja São José – 1903 – Rua São José n. 743

- Capela do Colégio Nossa Sra. Auxiliadora –Primeira metade do Séc. XX - Rua Duque de Caxias, 927

- Capela Colégio Marista - década 1930 – Rua Bernardino de Campos, 550

- Capela do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência- Rua Tibiriçá, n. 1172
- Igreja Metodista - década de 1920 – Rua São Sebastião, n. 728
- Igreja Presbiteriana - década de 1920 – Rua Barão do Amazonas n. 258
- Igreja Congregacional – 1930- Rua Barão do Amazonas, n. 551
- Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (Unificação Kardecista) - 1940 - Rua Mariana Junqueira, 504

A construção desses templos coincidiu com a expansão urbana e as transformações sociais e culturais da cidade. Algumas destas construções ainda conservam a estrutura original arquitetônica seguindo modelo de outros templos de cada crença, em algumas, as modificações foram inúmeras. Os templos estão localizados na área central relativamente próximos uns dos outros. Os templos com seus vitrais e muitos deles com o piso original (Catedral, Igreja São Benedito, Igreja Presbiteriana, entre outros) compõem um legado artístico de valor inestimável. Destacamos a Catedral com as pinturas de Benedito Calixto e outros artistas do início do século XX. A caracterização arquitetônica pode ser observada no Anexo 3 do INRC.

LISTA COMPLETA DAS IGREJAS IDENTIFICADAS NO CENTRO

1ª Igreja Matriz de Ribeirão Preto



Foto: Reprodução da foto de 1890 da primeira igreja da cidade, localizada onde hoje está a fonte luminosa.
Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Igreja São José



Foto: Fachada Frontal
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Catedral Metropolitana de São Sebastião



Foto: Fachada frontal.
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Igreja São Benedito



Foto: Fachada Frontal
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Igreja Congregacional



Foto: Fachada Frontal
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Igreja Metodista



Foto: Fachada Frontal

Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Igreja Presbiteriana



Foto: Fachada Frontal

Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Centro Espírita Eurípedes Barsanulso (Unificação Kardecista)



Foto: Fachada Frontal

Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Foto: Fachada Frontal

Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Capela do Colégio Marista



Foto: Parte interna da Igreja
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

Capela do Hospital Beneficência Portuguesa



Foto: Fachada Frontal
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais

2.4. Estações ferroviárias (Companhias Mogiana e São Paulo e Minas)

O transporte ferroviário teve seu ápice no século XIX, representando como principal meio para transporte de cargas e passageiros nas grandes cidades brasileiras. Na cidade de Ribeirão Preto, com a expansão do cultivo do café, surge a necessidade de um transporte mais rápido: as tropas de burros foram substituídas pelas estradas de ferro. Com isso, duas companhias ferroviárias (Paulista e Mogiana) tiveram interesse de investir em Ribeirão Preto, por considerarem esta área uma mina de ouro devido à alta produtividade de café.

As duas companhias lutaram muito para chegar até a cidade de Ribeirão Preto e ainda havia uma possibilidade de unificar as duas companhias, contudo a Mogiana não era favorável, pois dizia que suas linhas trilhavam terras mais ricas. O veredicto foi confirmado pelo poder público, dando o direito de chegar até a cidade de Ribeirão Preto, os trilhos pertencentes à Companhia Mogiana (SOUZA, 2011).

O INRC visa à identificação e documentação dos bens culturais de qualquer natureza, bem como a compreensão dos sentidos e significados atribuídos ao patrimônio pelos moradores. O inventário tem como recorte territorial o sítio de Ribeirão Preto e o de Bonfim Paulista, e como recorte

temático a Paisagem Cultural do Café (1870 – 1950) / Ferrovias. Portanto as estações em estudo devem estar enquadradas dentro destes dois recortes.

O levantamento preliminar foi realizado a partir de pesquisas em fontes secundárias e pessoas que possuem conhecimento do inventariado (Patrimônio Ferroviário). A identificação objetivou reunir informações, descrever com detalhes as ocorrências relevantes e mapear as relações entre os itens encontrados. Esta etapa foi desenvolvida principalmente através de entrevistas com pessoas participativas (próxima etapa que será realizada) e conhecedoras das estações em estudo. Por último, a documentação que trata de estudos técnicos, implicando na criação e autoria individual do pesquisador ou artista, vindo, obrigatoriamente, da observação direta dos bens inventariados (Fase a ser realizada no ano de 2013).

As categorias propostas pelo IPHAN devem ser respeitadas nos objetos de pesquisas do Inventário Nacional de Referências Culturais (Celebrações; Formas de expressão; Ofícios e modos de fazer; Edificações; Lugares).

As estações ferroviárias são consideradas edificações, neste caso foram usadas fichas de identificação o INRC (F30) e as fichas do módulo de cadastro do SIGC (M301, M302 e M306).

Além das estações existentes também foram identificadas, por intermédio de levantamento bibliográfico e iconográfico, as estações já demolidas (na memória).

Quadro 2 - Estações em memória

Estação	Ano de Construção	Localização	Companhia Ferroviária
Estação Provisória	1883	Bairro Vila Virginia (Antiga República)	Companhia Mogiana Estradas de Ferro
Estação Ribeirão Preto - Velha	1885	Bairro Vila Tibério	Companhia Mogiana Estradas de Ferro
Estação Iracema	1899	-	Companhia Mogiana Estradas de Ferro
Estação Francisco Maximiano	1913	Fazenda Baixadão	Companhia Mogiana Estradas de Ferro
Estação Bonfim Paulista	1882	Bonfim Paulista	Companhia Mogiana Estradas de Ferro
Estação Evangelina-Velha	1928	Km 14 perto da Hípica	E.F. São Paulo - Minas
Estação Figueira	1960	Km 23 entre as estações de	E.F. São Paulo - Minas

		Evangelina-Velha e Biagópolis	
Estação Ribeirão Preto	-	Bairro Vila Tibério	E.F. Dumont
Estação do Guimarães	1890	1 Km da Usina Santa Lydia	E.F. Dumont
Estação Luiz Miranda	1890	-	E.F. Dumont

Fonte: Ralph Mennuci Giesbrecht. Disponível: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/>>.

Acesso em: maio de 2011.










Foram levantadas nove estações localizadas no Município de Ribeirão Preto tais como, estação Barracão, do Alto, Santa Tereza, Silveira do Val, Joaquim Firmino, São Paulo e Minas, Evangelina, Ribeirão Preto-Nova e Usina, sendo que a estação Ribeirão Preto-Nova e a Evangelina não estão enquadradas dentro do recorte temporal proposto para o inventário (1870 – 1950).

LOCALIZAÇÃO DAS ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS IDENTIFICADAS ATÉ 2011



Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais. Autor do mapa: Camila Ferlin, adaptado por Juscélia Fiuz, 2011.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DE RIBEIRÃO PRETO⁴

 <p>Estação Barracão.</p> <p>Localização: Bairro Ipiranga. Data: [1900] Uso atual: sem uso Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>Estação do Alto</p> <p>Localização: Bairro Quintino Facci II Data: [1911] Uso atual: Núcleo Social Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>Estação Silveira do Val</p> <p>Localização: Estrada de terra da Mata Santa Tereza. Faz. Lidia Silveira do Val. Data: [1913] Uso atual: sem uso Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>
 <p>Estação Joaquim Firmino.</p> <p>Localização: Estrada de terra da Mata Santa Tereza (localizada no meio do canavial) Data: [1913] Uso atual: Sem uso Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>Estação Santa Tereza</p> <p>Localização: Avenida Adelmo Perdizza, nº1231 (condomínio fechado) Data: [1896] Uso atual: salão de festas. Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>Estação Usina (Penha)</p> <p>Localização: Avenida Brasil (dentro da Penha – Samba) Data: [1896] Uso atual: salão de festas. Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>
 <p>Estação Ribeirão Preto-Nova</p> <p>Localização: avenida Mogiana Data: [1965] Uso atual: estação e escritório da FCA (Ferrovia Centro Atlântica) Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>Estação Evangelina</p> <p>Localização: atrás do condomínio Itanhangá. Data: [1964] Uso atual: sem uso Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>	 <p>ESTAÇÃO SÃO PAULO E MINAS</p> <p>Localização: Bairro Campos Elíseos. Data: [1928] Uso atual: prestação de serviços e residência Foto: Rede de Cooperação, 2011.</p>

⁴ Para informações detalhadas verificar as fichas do SICG referentes às estações ferroviárias.

2.5. Fazendas de café – arquitetura rural

Durante o ano de 2011 iniciou-se o levantamento preliminar das antigas Fazendas de Café dos sítios Ribeirão Preto e Bonfim Paulista, predominantemente do final do século XIX e início do século XX. As primeiras fazendas de Ribeirão Preto segundo Mello (2011 apud GARCIA, 1997) datam de 1870.

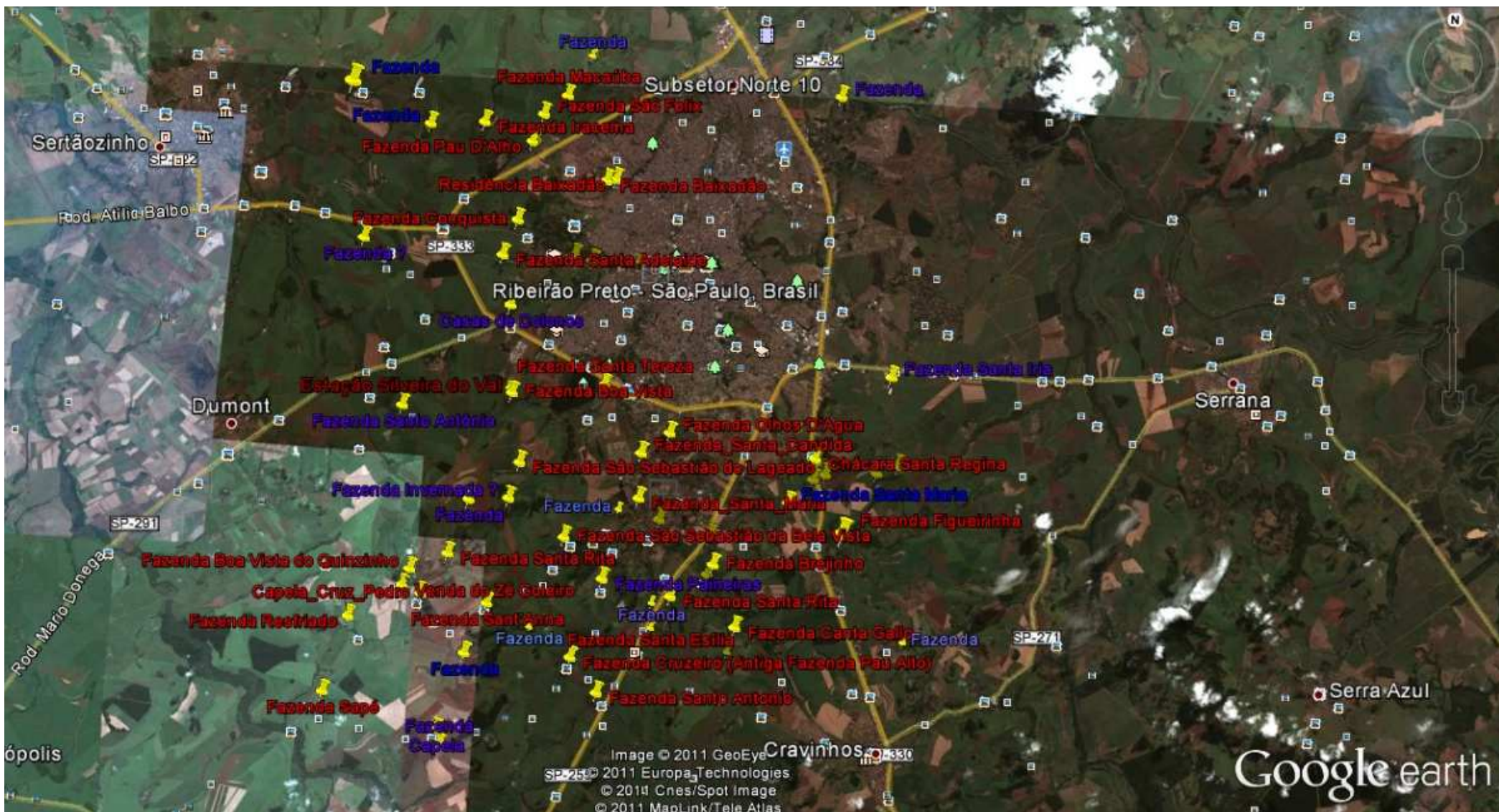
Este levantamento é de extrema importância para a caracterização da Paisagem Cultural do Café, no município de Ribeirão Preto. Esta área foi um grande centro cafeeiro internacional, onde surgiu uma nova diversidade cultural, composta pela mão-de-obra migratória que introduziu outras atividades econômicas “ofícios e modos de fazer” na cidade: sapateiros, operários, cozinheiros, professores, maquinistas, ferreiro, farmacêuticos, mecânicos e outros.

Os aspectos observados *in loco* tais como implantação, características físicas dos imóveis, estado de conservação e preservação, arruamentos, paisagem, além da sua atividade econômica original e atual, foram compiladas usando a metodologia do SICG, Fichas M304 e M301. Entretanto, muitos proprietários demonstraram resistência quanto a identificação preliminar e levantamento fotográfico, não permitindo o trabalho completo. Outros receberam o ofício pedindo autorização, mas alguns ainda não se manifestaram.

Na maioria das fazendas visitadas até agora, além da tulha e Casa-sede, vale ressaltar a presença de casas de colonos, casa de máquinas, escritório, terreiro de café, capela, estrebaria e escola, estruturas que se repetem na arquitetura rural de algumas fazendas de Ribeirão Preto.

A Fazenda São Sebastião do Lajeado (atual Fazenda Sampaio), a Fazenda Boa Vista do Quinzinho, Fazenda Sant’Ana e Fazenda Santa Rita são exemplos de arquitetura preservados em seu interior e exterior, mantendo o mobiliário existente na Casa-Sede.

Das fazendas que se obteve êxito no levantamento iconográfico, soma-se um total de 24 fazendas. Todas estão em fase de finalização de preenchimento de fichas. Segue nas próximas páginas as fotografias das fazendas consideradas mais relevantes.



Mapa: Figura: Mapa com identificação das fazendas. Em azul as fazendas que precisam ser visitadas ou verificadas se constituem fazendas. Fonte: Google Earth, 2011.

Fazenda São Sebastião do Lajeado



Foto: Casa – Sede da Fazenda São Sebastião do Lajeado. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Capela da Fazenda São Sebastião do Lajeado (atual Fazenda Sampaio).
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Fazenda Boa Vista – Quinzinho da Cunha

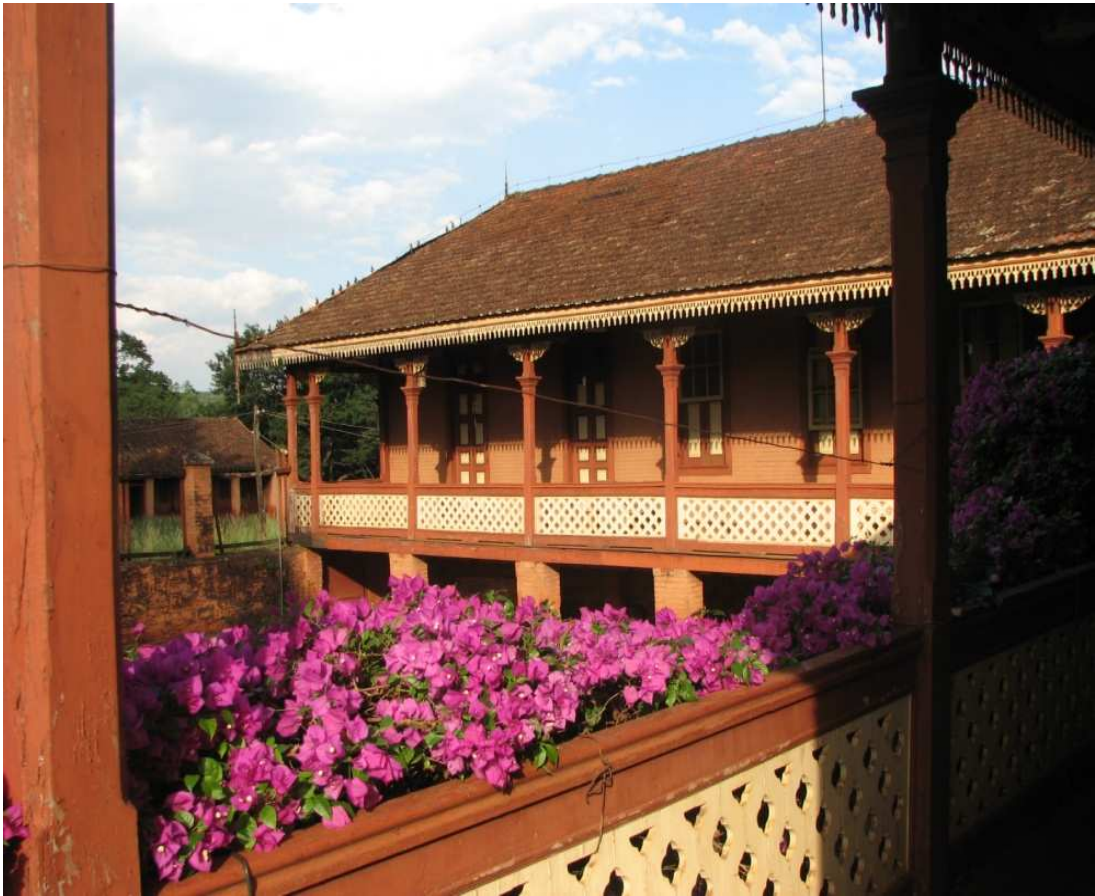


Foto: Casa – Sede da Fazenda Boa Vista, de Quinzinho da Cunha. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Interior da Casa-sede da Fazenda Boa Vista do Quinzinho, antiga residência do Cel. Quinzinho da Cunha. Fonte: Benincasa, 2007.

Fazenda Sant'Ana



Foto: Apesar de estar mal conservada a Casa-Sede da Fazenda Sant'Ana ainda está bem preservada quanto as suas características originais . Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011

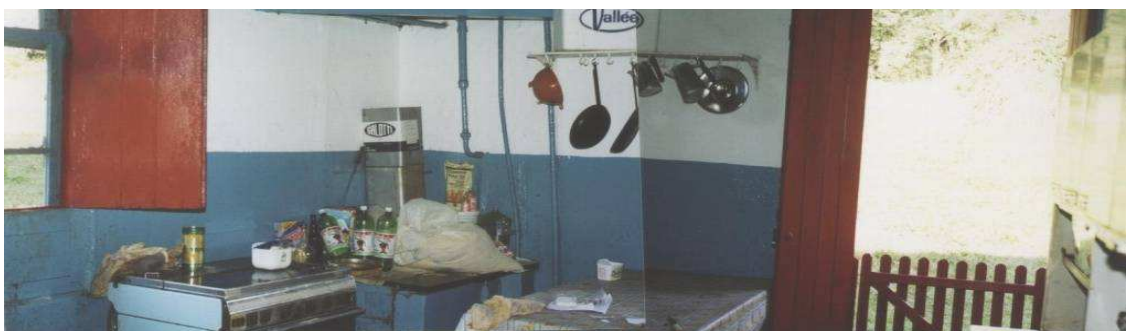


Foto: Interior da cozinha da Fazenda Sant'Ana. No canto esquerdo, um fogão Diederichsen. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Fazenda Santa Rita



Foto: Casa-sede da Fazenda Santa Rita. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Casas de colonos da Fazenda Santa Rita. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Terreiro de café da Fazenda Santa Rita, implantado acima da casa-sede.
Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Em algumas fazendas não existem mais a Casa-Sede originais ou está muito descaracterizada, mas sua tulha ainda existe, juntamente com as máquinas de beneficiamento de café, como a **Fazenda São Sebastião, Fazenda Iracema, Fazenda São Sebastião da Bela Vista e Santo Antônio.**

Fazenda São Sebastião



Foto: Maquinário ainda existente na Fazenda São Sebastião. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Tulha de café da Fazenda São Sebastião. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

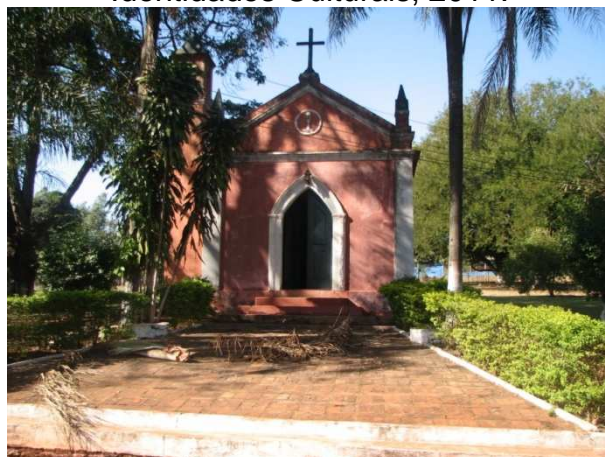


Foto: Capela da Fazenda São Sebastião. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Fazenda Iracema



Foto: Tulha da Fazenda Iracema (uma das fazendas do Cel. Francisco Shimidt), em processo de demolição. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Fazenda Santa Tereza



Foto: Tulha da Fazenda Santa Tereza, que também mantém os maquinários de beneficiamento de café. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011

Fazenda Santo Antônio



Foto: Tulha da Fazenda Santo Antônio. À esquerda, o local onde era a Senzala. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Na tulha da fazenda Santo Antônio, o atual proprietário informou, quando mudou para a fazenda, que encontraram em seu porão, grilhões e instrumentos de tortura de escravos, estes existiam até pouco tempo, mas arrancados por vândalos

Fazenda Cruzeiro



Foto: Casa de Colono da Fazenda Cruzeiro, antiga Fazenda Pau Alto de propriedade da Sra. Iria Junqueira. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.



Foto: Escola da Fazenda Cruzeiro. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Fazenda São Sebastião da Bela Vista



Foto: Capela da Fazenda São Sebastião da Bela Vista. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

No total, foram identificadas a localização de 12 fazendas que os proprietários não autorizaram a fotografia nem o reconhecimento do espaço inteiro. Conforme previsão através das entrevistas realizadas em 2009, citadas por entrevistados ou presentes em fontes bibliográficas, faltam ser visitadas, 5 fazendas.

Além disso, no Google Earth, algumas implantações deverão ser verificadas posteriormente, a fim de confirmar se realmente são antigas fazendas de café.

3. Relatório - Grupo 3



3.1. Patrimônio Imaterial e Referências Culturais em Ribeirão Preto: história, teoria e primeiros resultados de trabalho de pesquisa de campo.

Este texto apresenta as reflexões iniciais sobre os primeiros resultados do trabalho de pesquisa de levantamento do patrimônio imaterial de Ribeirão Preto e suas principais referências culturais, realizado em 2011 pelos pesquisadores do Grupo 3, da Rede de Cooperação Identidades Culturais, do Programa Café Com Açúcar. Seus principais objetivos são os seguintes: refletir, com aportes históricos e teóricos, a respeito dos conceitos de “patrimônio imaterial” e “referências culturais”, apresentar o “estado da arte” do trabalho e os percursos já traçados pela pesquisa etnográfica que este grupo de pesquisadores está a realizar e, por fim, apontar e pavimentar os próximos passos de pesquisa a serem empreendidos pelo grupo em 2012.

O patrimônio imaterial e a cultura popular têm sido alvo, em nossos dias, de intensos debates envolvendo áreas como a história, a sociologia e a antropologia, dentre outras no campo acadêmico, e setores governamentais responsáveis pelo trabalho com as políticas públicas culturais.

Ao longo dessas discussões, nenhum conceito desenvolvido foi considerado único e definitivo, fato que, em sua relevância, abre um interessante espaço social para maior aprendizado, tanto por parte dos pesquisadores, quanto da classe política que lida com essas questões no âmbito das políticas públicas de Estado.

O medo da perda faz com que o homem eleja pontes de contato com o seu passado. A contemporaneidade marca a escolha dos testemunhos, usando para isto não somente parâmetros estéticos, mas fundamentalmente os significados simbólicos. Dessa forma, os bens culturais passaram a representar o lastro no qual cada comunidade se reconhece, servindo de paradigma básico para o fomento à cidadania, por meio de um profundo senso de pertencimento e de permanência histórica.

Nesse sentido, cultura popular, patrimônio imaterial e direito à memória constituem parte de um processo maior de conquista efetiva de uma cidadania local e planetária no qual estamos inseridos, que é candente nas últimas décadas e se relaciona diretamente com o avanço dos direitos humanos fundamentais das gentes, no sentido civil, social e político, para campos como o direito a um ambiente saudável e a preservação e proteção cultural, dentre outros.

Em países como o Brasil, compreender o entrelaçamento entre cultura, patrimônio imaterial e memória é perceber a nossa longa luta pela efetivação de uma cidadania que é parte dos discursos teórico-acadêmicos e sonho dos idealistas e engajados nas causas da justiça social. Continuamos em processo de aprendizado civil e, mais do que respostas definitivas, muitas são as questões lançadas à discussão.

Em um breve histórico sobre a evolução do conceito de patrimônio chegamos à França do século XVIII. Ali, o conceito estava ligado à concepção de monumento, em especial às ruínas das culturas clássicas e aos castelos e igrejas medievais. Para Choay (2001) este momento, por excelência, representou o exercício da memória dos dominantes.

Produzido histórica e socialmente, o conceito de patrimônio cultural vigente no decorrer dos séculos XIX e XX foi influenciado pela percepção que cada sociedade tinha das suas próprias experiências, guardando em si várias camadas de significados.

Ao longo destes séculos, esse patrimônio teve seu conceito ampliado, agregando outras representações da cultura material. Nesse período, a preservação traduziu-se na busca de passado comum, capaz de gerar laços identitários no seio dos Estados nacionais em fase de consolidação. A construção e a fundamentação das identidades nacionais passavam pela constituição de coleções que se tornariam o patrimônio nacional de cada nação. Para Le Goff (1994), este tratamento dado ao patrimônio continuava sendo perigoso na medida em que a elite determinava, por meio do discurso do conhecimento e da técnica, o que deveria ser tombado e incensado pelo exercício da memória oficial.

Já na segunda metade do século XX, sobrevivente à destruição física causada por duas grandes guerras mundiais, a percepção sobre o patrimônio se ampliou ainda mais e de modo consistente em sua formulação. A Carta de Nova Delhi, publicada em dezembro de 1956, já evidenciava que a “garantia mais eficaz de conservação dos monumentos e obras do passado reside no respeito e dedicação que lhes consagram os próprios povos” (UNESCO, 1956, p 01). O documento destacou o papel dos Estados na criação e implantação de ações que favorecessem os sentimentos de pertencimento.

Reconhecendo a complexidade da problemática em torno da preservação do patrimônio cultural, a Carta de Veneza (1964) reavaliou e aprofundou a Carta de Atenas, de 1932. Os monumentos foram reconhecidos como portadores “de mensagem espiritual do passado [...]”, perdurando no “presente como o testemunho vivo” das tradições seculares (ICOMOS, 1964, p. 01).

O papel do Estado na preservação do patrimônio cultural tornou-se, nos anos posteriores, pauta das discussões internacionais. Em 1967, a Organização dos Estados Americanos – O.E.A., publicou as chamadas Normas de Quito (O.E.A., 1967). No documento explicitavam-se os efeitos do crescimento sem planejamento dos países pobres e em desenvolvimento, no processo de degradação e de abandono dos bens protegidos por lei.

Em junho de 1997, a Carta de Mar Del Plata estabeleceu os princípios e as recomendações sobre o patrimônio intangível para os países do Mercosul. Considerando esta questão uma prioridade absoluta, estavam “convencidos de que o processo de integração concretizado através do Mercosul, que expressa as legítimas aspirações de nossos povos a uma vida melhor, deve-se sustentar-se sobre a diversidade dos sistemas e subsistemas culturais” (MERCOSUL, 1997, p. 01).

Apenas no início do século XXI, os órgãos oficiais internacionais e brasileiros reconheceram que dentro do que denominavam patrimônio cultural, estava o **imaterial**, superando a antiga “dicotomia entre os bens de pedra e cal” e as demais manifestações culturais inseridas na dinâmica do cotidiano (INRC, 2000, p. 7).

A relação intrínseca entre a cultura material e imaterial foi destacada por Choay (2001), que defendeu a impossibilidade de compreensão de um monumento sem entender a cultura que o produziu. Nesse ponto reside o patrimônio imaterial, que é vivo, possui movimento e, portanto, é simultaneamente uma força simbólica e política que o faz relevante em qualquer discussão ou debate que se trave sobre a questão cultural nos nossos dias.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o patrimônio imaterial envolve os saberes e as técnicas passadas através de gerações, as festas, as celebrações, a gastronomia, entre outros (IPHAN, 2000). Estas manifestações culturais perpassam por um refazer constante, cuja identificação e valorização dependem da memória e do olhar para as minorias que, por décadas, foram marginalizadas. Para Burke (2010) nossos bens intangíveis estão atrelados intimamente às expressões da cultura popular brasileira que, por exemplo, herdaram da colonização portuguesa as memórias do período da Guerra de Reconquista da Península Ibérica e as reelaboram e as traduzem nas Cavalhadas encontradas atualmente no interior do Brasil. Como manter essas experiências que, no século XXI, tornaram-se únicas? Este é o propósito das políticas públicas de preservação.

Em 17 de outubro de 2003, por meio da Recomendação de Paris, a UNESCO reconheceu o patrimônio imaterial como aquele que

[...] se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 04).

De acordo com Fonseca (1996), referindo-se ao Brasil, após a fase do antigo SPHAN, atual IPHAN, vindo da década de 1930, cuja preocupação era centrada no barroco, até a década de 1970, por sua vez pautada pelas concepções do governo militar, pode-se observar, a partir de 1988, um movimento de renascimento da questão cultural impulsionado pela promulgação da nova Constituição, uma vez que nela é expressa a percepção de que não apenas o Estado, mas também a população é parte interessada e responsável pela manutenção patrimonial, seja ela material ou imaterial. O texto constitucional ampliou o conceito de patrimônio cultural, agregando a ele uma visão democrática. Mas, o grande e importante avanço consistiu na incorporação de uma abordagem antropológica da cultura, que colocou em pauta o conceito de referência cultural (INRC, 2000).

Como resultado concreto desse processo, foi baixado o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que institui o registro de bens de natureza imaterial como parte do patrimônio cultural brasileiro. Esse amplo movimento abriu espaço para a criação de Conselhos Municipais de Cultura e de Patrimônio, o que permitiu que a discussão saísse do patamar federal e chegasse ao cotidiano dos municípios, aos âmbitos culturais locais.

Em Ribeirão Preto, a preocupação com a preservação do patrimônio iniciou-se ainda no período da ditadura militar. Em 1967, por meio da Lei nº 2002, foi criado o Conselho de Cultura. Entre as suas responsabilidades, deveria “contribuir para a elevação do patrimônio e a mobilização constante das potencialidades culturais da cidade” (SANTO; REGISTRO, 2002, *online*). Quatro anos depois, em 1971, foi criado o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Nesse período, a noção do papel do poder público municipal ainda era muito vaga, restringindo-se a

adoção de todas as medidas para a defesa dos bens e locais de valor histórico e cultural, cuja conservação se importa em razão de fatos históricos memoráveis, de seu valor folclórico, artístico, documental bem como dos recantos paisagísticos que merecem ser preservados (SANTO; REGISTRO, 2002, *online*).

O primeiro bem do município a ser reconhecido pelo poder público foi o Theatro Pedro II. Em 08 de junho de 1973, a edificação foi declarada de valor histórico pela Lei nº 2.764. Este teatro foi construído pela Cervejaria Paulista e inaugurado em 1930 e, junto a outras duas edificações, o atual Centro Cultural Palace e o prédio comercial Meira Júnior, forma o chamado Quarteirão Paulista, um conjunto de edifícios monumentais no centro da

cidade, cujo projeto arquitetônico é de Hyppolito Gustavo Pujol (SUNEGA, 2011). As características arquitetônicas deste teatro, que lhe concederam o adjetivo de “monumental”, naquele momento pareciam ser as únicas justificativas para a sua preservação.

Em 15 de julho de 1980 o Theatro Pedro II foi parcialmente destruído por um incêndio. O episódio passou para a memória da comunidade como um trauma coletivo. Não só pela destruição provocada pelo fogo, mas, em particular, pela iminência da perda definitiva do bem, ameaçado de demolição pelo próprio poder público que, sete anos antes, o havia chancelado como patrimônio histórico do município.

Essa experiência gerou a certeza de que não se perderia apenas um exemplar de excepcional valor arquitetônico e estético, mas sim, e principalmente, uma referência cultural de grande importância simbólica. Os ribeirãopretanos ainda se lembram, nos dias de hoje, conforme depoimentos obtidos em pesquisa de campo, da tristeza sentida ao ver o Pedro II pegar fogo.

A possibilidade de ver mais um fio da teia de ligação com o seu passado comum ser cortado despertou a sociedade civil e gerou ampla reação de grupos organizados ligados às artes e diversas expressões culturais, que articularam forte mobilização social pela recuperação e preservação do teatro “monumental” da Praça XV.

Observa-se, a partir de então, o início efetivo de um movimento de busca por parte da sociedade local da sua memória coletiva. Um percurso errante e enredado no aprendizado do que significava ser parte e partícipe de uma localidade. Cristiane Framartino Bezerra, integrante dessas mobilizações, diz que

Aos domingos eram organizados eventos na esplanada do Pedro II pela maioria dos artistas da época, como Osvani Andrade, Dino Bernardes Jr, José Mauricio Cagno, Magno Buti, Fernando Cachaça, Fe Souza, Débora D’uboc Garcia, se reuniam com megafone, em frente ao teatro, com gritos de protesto alternados com panelaço, “foi um movimento cultural muito grande”. Toda essa movimentação recebeu o apoio da Câmara de Vereadores, que formou uma comissão de estudos de Pró-restauração do Pedro II, e convidou os artistas para aderirem ao movimento. Com o tempo foram se agregando forças como o apoio da Fundação Roberto Marinho, Governo Federal e Estadual, grupos de várias vertentes sociais, empresários e a sociedade civil.

Decorrente do incêndio, o processo de tombamento do Pedro II se efetivou pelo Condephaat, em 1982, transformando-se no primeiro patrimônio tombado pelo governo do Estado de São Paulo na cidade. O seguinte excerto de texto, disponível no sítio eletrônico do Theatro Pedro II, revela com clareza o resultado da mobilização social da comunidade em favor dessa casa de espetáculos:

Em maio de 1991 teve início a primeira etapa de restauração e modernização do teatro. Em janeiro de 1993 começou a segunda etapa. Um concerto de música erudita em abril de 1994 arrecadou US\$ 10 mil para a recuperação. Em 1996, o Theatro Pedro II foi reinaugurado.

Segundo o engenheiro José Arthur Damião Joaquina, responsável pela condução do processo de reforma, restauração e modernização do teatro, que hoje trabalha como diretor financeiro da Fundação Pedro II, o início das obras

começou a dar vida novamente ao Theatro, como uma Fênix que renasce das cinzas, o teatro estava praticamente às cinzas, o prédio estava em processo para tentar demolir, enfim, estava relegado ao último pano, fechado, parado, um patrimônio, um bem cultural enorme, então esse fato, esse acontecimento é de muita relevância, porque o Teatro depois de inaugurado teve seu apogeu como teatro, seus dias de glória, ele teve sua decadência e virou cinema, depois de virar cinema ele pega fogo, então eu acho que o fogo, o incêndio foi um divisor de águas, marcou uma década, ele marcou uma época que o Theatro já estava decadente, para voltar os seus dias de glória [...] para voltar a reviver como teatro, então o incêndio foi um fato marcante.

A perda material que representou a destruição do Pedro II possibilitou a abertura do olhar para o imaterial, o despertar do seu significado afetivo. O Estado que, outrora, abandonou o Pedro II em função da omissão da população se transformou no Estado que, graças ao avanço da cidadania e da demanda dessa mesma população, se propõe, hoje, a estudar, por meio de uma Rede de Cooperação acadêmica, o patrimônio imaterial da cidade.

De fato este movimento que se observou no município de Ribeirão Preto possui intensa ligação com um processo mais amplo que vinha ocorrendo nos planos Estadual e Federal. Por exemplo, o IPHAN, que além do tradicional trabalho do Pró-Memória, fez parcerias internacionais com a UNESCO, por intermédio do Monumenta e com prefeituras, a fim de resgatar o patrimônio local, como no caso de Ribeirão Preto no projeto denominado Identidades Culturais.

Esse amadurecimento do olhar brasileiro sobre a questão patrimonial permitiu que se criasse, no início do século XXI, um Centro Nacional de Referência Cultural acompanhado do Programa Nacional de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Ele prevê, entre outros aspectos, que a indicação de um patrimônio imaterial a ser registrado possa ser realizada por cidadãos comuns. Após a indicação, um grupo de técnicos dá prosseguimento realizando um inventário e o posterior registro em livros, a saber: Celebrações, Ofícios e Modos de Fazer, Formas de Expressão e Lugares.

Destaca-se que o Plano de Salvaguarda compreende que não basta decretar que o patrimônio imaterial está registrado. Há que se frisar a importância do suporte econômico que desenvolva a sustentabilidade e que garanta a aplicação de um plano de continuidade daquele bem cultural. Um bom exemplo é a capoeira. Além da ação legal de salvaguarda, foram criados: 1) um Centro Nacional de Capoeira, a fim de ensinar a arte para as gerações futuras; 2) um plano de aposentadoria específico para os velhos mestres; 3) um plano de manejo sustentável da madeira que dá origem ao berimbau; 4) um projeto bem fundamentado de divulgação internacional da arte.

Dessa forma, o primeiro conjunto de resultados do trabalho de pesquisa do Grupo 3, no decorrer de 2011, pode ser apresentado com os seguintes parâmetros: inicialmente, os pesquisadores deste Grupo listaram, com base em uma pesquisa preliminar realizada em 2009 [1] (REDE, 2010), os possíveis informantes do que se considerou como o conjunto de referências culturais do município, como se observa na descrição do quadro a seguir:

Levantamento Preliminar de Bens Imateriais

Denominação	Período de ocorrência	Sugestão de categoria
Afoxé Omo Orúnmilá		Forma de expressão
Agrishow	abril	Celebração
Aniversário da Cidade	junho	Celebração
Arriá de Bonfim	18 – 20 jun.	Celebração
Caminhada do Calvário	março	Celebração
Carnaval	Fev. – março	Celebração
Catira		Forma de expressão
Cemitério Saudade		Lugar
Círculo Operário		Lugar
Clube Atlético Bonfinense Jogos de Futebol		Lugar
Cruz do Pedro		Lugar
FEAPAM		Celebração
Feira do Livro	junho	Celebração
Feiras Livres		Lugar
Fest'Italia	agosto	Celebração
Festa de Santa Madalena de Canota		Celebração
Festa de Santo Antônio e Quermesse		Celebração
Festa de São Genaro		Celebração
Festa do Café		Celebração
Festa Junina da Igreja Santa Terezinha	Mês de junho	Celebração
Festa Junina da Igreja São Pedro	Mês de junho	Celebração
Festa Junina da Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim		Celebração
Festa Junina Igreja Santa Terezinha	26/junho	Celebração
Festa Santa Rita	Mês de maio	Celebração
Folia de reis	janeiro	Celebração
Marmoristas		Ofícios e modos de fazer
Mercado Municipal		Lugar

Moda de viola		Forma de expressão
Orquestra Sinfônica		Forma de expressão
Palestra Itália		Lugar
Procissão 12 de Outubro e Quermesse	12 e 13 de outubro	Celebração
Refrigerante Douradinha		Ofícios e modos de fazer
Romaria Nossa Senhora Aparecida		Celebração
Sorveteria do Geraldo		Ofícios e modos de fazer
Festival Tanabata	junho	Celebração
Zé Goleiro		Lugar
Romaria de Nossa Senhora	outubro	

Fonte: G3 – Rede de Cooperação Identidades Culturais

A partir dos dados preliminares que listaram as referências culturais postas acima, o grupo saiu a campo a fim de realizar as primeiras pesquisas piloto no formato de entrevistas. Para tanto, o grupo se subdividiu em dois subgrupos que se responsabilizaram pela aplicação dos instrumentos de pesquisa e realizando, ao mesmo tempo, o registro em áudio e vídeo dessas entrevistas. Tais testes serviram para aferir a aplicabilidade da metodologia do INRC para a situação real das referências culturais a serem inventariadas em Ribeirão Preto.

Uma vez realizada essa primeira experimentação, o grupo retornou para a discussão e avaliação interna das pesquisas piloto, que redefiniu, por pertinência e sentido, os bens a serem inventariados e a quais categorias pertenceriam. O resultado da discussão e da avaliação crítica originou o quadro a seguir:

Denominação da referência	Categoria	Período de Ocorrência
Afoxé Omo Orúnmilá	Forma de expressão	Fora do recorte temporal
Agrishow	Celebração	Fora do recorte temporal
Aniversário da Cidade	Celebração	Fora do recorte temporal
Caminhada do Calvário	Celebração	Dentro do recorte temporal
Carnaval	Celebração	Dentro do recorte temporal
Catira	Forma de expressão	Memória: até agora não foi encontrado resquícios
Cemitério Saudade	Lugar	Dentro do recorte temporal
Círculo Operário	Lugar	Dentro do recorte temporal
Clube Atlético Bonfinense Jogos de Futebol	Lugar	Dentro do recorte temporal
Cruz do Pedro	Lugar	Dentro do recorte temporal
FEAPAM	Celebração	Memória – Fora do recorte temporal
Feira do Livro	Celebração	Fora do recorte temporal
Feiras Livres	Lugar	Fora do recorte temporal
Fest'Itália	Celebração	Fora do recorte temporal

Festa de Santa Madalena de Canota	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa de Santo Antônio e Quermesse	Celebração	Dentro do recorte temporal
Festa de São Genaro	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa do Café	Celebração	Memória
Festa Junina da Igreja Santa Terezinha	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa Junina da Igreja São Pedro	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa Junina da Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim Arraiá de Bonfim	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa Junina Igreja Santa Terezinha	Celebração	Fora do recorte temporal
Festa Santa Rita	Celebração	Fora do recorte temporal
Folia de reis	Celebração	Fora do recorte temporal
Marmorista	Ofícios e modos de fazer	Dentro do recorte temporal
Mercado Municipal	Lugar	Dentro do recorte temporal
Moda de viola	Forma de expressão	Dentro do recorte temporal
Orquestra Sinfônica	Forma de expressão	Dentro do recorte temporal
Palestra Itália	Lugar	Fora do recorte temporal
Romaria Nossa Senhora Aparecida Procissão 12 de Outubro e Quermesse	Celebração	Dentro do recorte temporal
Refrigerante Douradinha	Ofícios e modos de fazer	Dentro do recorte temporal
Sorveteria do Geraldo	Ofícios e modos de fazer	Dentro do recorte temporal
Festival Tanabata	Celebração	Fora do recorte temporal
Venda do Zé Goleiro	Lugar	Dentro do recorte temporal

Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2011.

Redefinidos e incluídos novos bens a serem inventariados, o grupo saiu novamente a campo, agora com o propósito de efetivar um levantamento que permitisse identificar e reconhecer a existência efetiva das referências culturais delimitadas inicialmente pelo projeto da Rede de Cooperação.

Este processo, que ocupou o período de trabalho de março a outubro de 2011, levou à realização do conjunto de entrevistas listadas a seguir:

Quantitativo de entrevistas por bem / referência

Denominação do bem	Nº de entrevistas
Afoxé Omo Orùnmilá	2 entrevistas
Associação de Socorros Mútuos	2 entrevistas

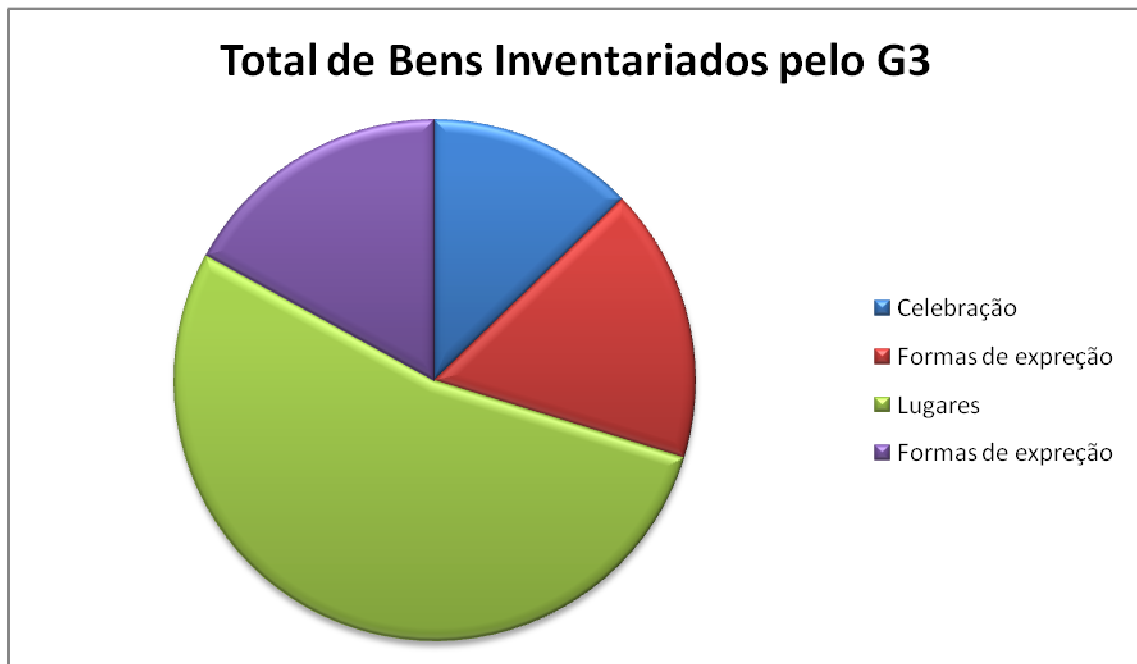
Calceteiro (Colocador de Paralelepípedo)	1 entrevista
Capoeira	1 entrevista
Cemitério da Saudade	8 entrevistas
Cervejarias Antártica e Paulista	3 entrevistas
Clube José do Patrocínio	1 entrevista
Conjunto Arquitetônico Quarteirão Paulista	10 entrevistas
Cruz do Pedro/ Fazenda Boa Vista	9 entrevistas e 2 dias de registro áudio visual da festa
Distrito Bonfim Paulista	14 entrevistas
Escola de Samba Os Bambas	1 entrevista
Fazenda Santa Rita	1 entrevista
Fundação Educandário "Coronel Quito Junqueira"	1 entrevista
Loja Maçônica Estrella D'Oeste	1 entrevista
Marmoristas	2 entrevistas
Mercado Municipal	9 entrevistas
Moda de Viola	1 entrevista
Orquestra Sinfônica	2 entrevistas
Prédio da Recreativa, atual Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP)	2 entrevistas
Rádio PRA-7	1 entrevista
Rua José Bonifácio	19 entrevistas
Sociedade Italiana Dante Alighieri	1 entrevista
União Espírita Kardecista	1 entrevista
União Geral dos Trabalhadores (UGT)	2 entrevistas
Venda do Zé Goleiro	1 entrevista

O resultado destas entrevistas gerou o próximo quadro, que contempla cada bem em sua respectiva categoria, em consonância metodológica com o previsto pela metodologia do INRC/IPHAN, concluindo, desta forma, o cronograma que foi proposto pela Rede de Cooperação para ano de 2011.

Denominação da referência cultural	Categoria
Academia Ribeirãopretana de Letras	Lugar
Alfaiate	Ofício/modo de fazer
Associação de Socorros Mútuos	Lugar
Bosque Municipal	Lugar
Café de Coador	Ofício/modo de fazer
Cafeteria A Única	Lugar
Calceteiro(Colocador de paralelepípedo)	Ofício/modo de fazer
Capoeira	Forma de expressão
Carnaval	Celebração
Catira	Formas de expressão
Cemitério da Saudade	Lugar
Chopeiro	Ofício/modo de fazer
Choperia Pinguim	Lugar
Círculo Operário	Lugar
Clube Esportivo Botafogo	Lugar
Clube Esportivo Comercial	Lugar
Clube José do Patrocínio	Lugar
Cruz do Pedro	Lugar
Escola de Samba os Bambas	Lugar
Festa do Café	Celebração

Fundação Educandário “Coronel Quito Junqueira”	Lugar
Garçom (Choperia Pinguim)	Ofício/modo de fazer
Igreja Nossa Senhora do Bonfim	Lugar
Loja Maçônica Estrella D'Oeste	Lugar
Mercado Municipal	Lugar
Mestre Cervejeiro	Ofício/modo de fazer
Pastelaria Rios	Ofício/modo de fazer
Praças (XV, Sete de Setembro, Luis de Camões, Carlos Gomes e Bandeira)	Lugar
Religiosidade negra (candomblé, umbanda)	Celebração
Sete Capelas	Lugar
Sirene\Sereia (Cervejaria Paulista)	Forma de expressão
Sociedade União dos Viajantes	Lugar
União Espírita Kardecista	Lugar
União Geral dos Trabalhadores	Lugar

Fonte: G3 – Rede de Cooperação Identidades Culturais



O trabalho sistemático com objetos intangíveis e intimamente vinculados aos parâmetros colocados pela etnografia das referências culturais existentes na memória coletiva local, e os seus *sentidos* e *valores* sempre atribuídos, é recente para nós e ainda carece de maior experiência de campo. Neste sentido, importa muito notar que o desenvolvimento dessa pesquisa fez e faz com que os integrantes do grupo vivenciem um importante processo de aprendizado antropológico, a partir das bases da formação acadêmica específica de cada um, por envolver de forma direta, como diz Magnani (2002 e 2003) o ato etnográfico de “escutar o outro de perto e de dentro”.

Como se vê, dadas às peculiaridades de expressão de diversidade e alteridade contidas nas estruturas intrínsecas das referências culturais, é fundamental que historiadores, sociólogos e antropólogos adquiram e tenham profundo conhecimento dos variados aspectos culturais intangíveis que envolvem determinados bens a fim de que eles não se percam enquanto tal, ou pior, sejam transformados em meras caricaturas culturais e antropológicas a compor necessidades políticas nas chamadas comemorações e cerimônias oficiais.

A experiência vivida pelo grupo no ano de 2011 e a percepção das suas implicações sociais e das responsabilidades existentes perante a comunidade de Ribeirão Preto nos prepara e qualifica para a próxima etapa de pesquisa prevista pela metodologia do IPHAN acima citada, qual seja a de documentar e promover estudos técnicos que implicam “na criação e autoria individual do pesquisador ou artista, vindo, obrigatoriamente da observação direta dos bens inventariados” (IPHAN, 2000).

Finalmente, em tempos de globalização radical de crises financeiras, de Estado mínimo neoliberal ratificado em todos os cantos do mundo e de pasteurização cultural mundializada, um movimento consistente de resgate, registro e valorização das expressões culturais locais, muitas vezes colocadas em condições marginais, começa a mostrar a sua importância para a garantia e vivência do direito humano básico à experiência coletiva da memória e da real e livre convivência com a alteridade.

Nesse sentido, o direito à memória, exercido no registro e sobrevivência do patrimônio imaterial, é fundamental, uma vez que se trata da identidade construída pela própria sociedade e não recebida pelo discurso dominante. Sendo assim, o patrimônio, a referência cultural, deixa de ser “ofertado” e passa a ser reivindicado, o que, em si, constitui um exercício político e de cidadania vividos.

Notas:

[1] (p. 13) Essa pesquisa, conduzida pelos pesquisadores Delson Ferreira e Daniela Tincani, e apresentada em Painel no VII ENECULT deste ano na UFBA, Salvador, levantou dados preliminares em campo sobre as percepções e entendimentos da população do município sobre a identidade cultural de Ribeirão Preto.

3.2. O Cemitério da Saudade como referência cultural.

O Cemitério da Saudade está localizado no bairro Campos Elíseos, na Avenida Saudada, nº. 1775, no município de Ribeirão Preto, SP, entre as ruas Luiz Barreto, Flávio Uchoa e Fernão Salles. O local apresenta uma área de 103.836 m², 7.500 jazigos, 2.622 gavetas ossuárias e 125.579 pessoas sepultadas (Administração do Cemitério da Saudade, 25 de julho de 2011).

Para Philippe Ariès, a sociedade mais industrializada engendrou, durante o século XX, uma forma nova de morrer, marcada pela secularização. A morte foi expulsa do cotidiano e das práticas sociais rotineiras (ARIÈS, 1989, p. 613). Há, no final do século XIX e o início do século XX, um aumento da preocupação com a saúde pública, defendida pelos cientistas e higienistas em relação à localização dos cemitérios (FORCHI, 2010).

Ribeirão Preto é um exemplo deste processo. Fundado em 1893, o Cemitério Público ficava localizado fora do patrimônio de São Sebastião, ou seja, fora da área doada inicialmente à Igreja Católica para a construção da capela e que deu origem ao núcleo urbano (o quadrilátero central da cidade de Ribeirão Preto, entre as avenidas Francisco Junqueira, Independência, Nove de Júlio e Jerônimo Gonçalves), área central da cidade.

O cemitério foi implantado em uma área do lote rural nº. 16, da 3^a Secção, do Núcleo Colonial Antônio Prado, adquirido por escritura de compra e venda em 20 de março de 1893 (1^o Tabelião, lavrada as fls. 41 do Livro 105 verso) (REGISTRO, 1994). Embora a data de criação do cemitério seja o ano de 1893 (Lei n. 02, de 01 de setembro de 1893, deliberada pela Câmara Municipal em 31 de agosto do mesmo ano), de acordo com Borges (1991), a data inicial do Primeiro Livro de Registro Perpétuo do Cemitério da Saudade é de 22 de junho de 1892, ou seja, antes mesmo da sua implantação oficial o cemitério já recebia sepultamentos.

Até a década de 1930 o Cemitério da Saudade contava com 16 quadras e 1.597 carneiras. Durante a década de 1930 foram realizadas várias reformas e ampliações: construção do Necrotério: projeto de Cícero Martins Brandão e execução da obra por Antônio Giroto, conforme contrato assinado em 08/novembro de 1933; construção da Capela: projeto de Cícero Martins Brandão e execução da

obra por Antônio Terreri, conforme concorrência pública datada de 18/outubro de 1934; construção do Portão Monumental na entrada do cemitério: projeto de Cícero Martins Brandão e execução da obra por Alexandre Sette, conforme contrato assinado em 05/setembro/1935. Em setembro de 1935, o cemitério possuía naquela época 23 quadras. No período de 1952/1953, durante a administração do prefeito Alfredo Condeixa Filho foi construído o Cruzeiro (REGISTRO, 1994).



FOTO 10: PANORÂMICA DO PORTAL MONUMENTAL E MUROS DO CEMITÉRIO DA SAUDADE. FOTO DE CAROLINA SIMON, 2011.

Durante o ano de 2010, o levantamento preliminar realizado para a consecução do INRC, pela Rede de Cooperação Identidades Culturais, identificou o Cemitério da Saudade como um marco cultural do bairro Campos Elíseos, caracterizado como referência cultural do município de Ribeirão Preto dentro da categoria de Edificações do INRC.

Nesta fase da pesquisa foi estudada a evolução da ocupação do Cemitério com o objetivo de compreender o processo de expansão dos carneiros e a própria disposição das sepulturas. Por meio deste estudo é possível afirmar que a ocupação inicial do terreno se deu a partir da Avenida Saudade, onde ficam, até hoje, os túmulos mais antigos. No início da implantação do cemitério, os jazigos perpétuos eram construídos de frente para as alamedas do cemitério, ficando o centro das quadras destinado aos carneiros temporários. De frente aos passeios são encontrados os túmulos mais significativos da arte tumular, construídos em mármore e fruto do trabalho especializado de artistas-artesãos, como indicou o trabalho de Borges (1991).

Definido o processo de ocupação do terreno do Cemitério iniciou-se a aplicação de entrevistas com os usuários do lugar, visando identificar a percepção dos informantes quanto ao significado que o Cemitério possuía para a população de Ribeirão Preto. Num primeiro momento acreditava-se que o cemitério fosse

importante para a população de Ribeirão Preto em decorrência do valor artístico e arquitetônico dos túmulos construídos entre o final do século XIX e início do século XX.

O valor estético e arquitetônico de alguns túmulos do Cemitério da Saudade já havia sido reconhecido na tese de doutorado da profa. Dra. Maria Elísia Borges: *Arte Tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da primeira República*, de 1991. O trabalho de Borges (1991) inventariou os túmulos construídos por artistas-artesãos de origem italiana que aprimoraram o ofício de marmorista, com especialidade na execução de arte funerária.



FOTO 11: JAZIGO-CAPELA DA FAMÍLIA ROCHA.
FOTO: AMIGOS DA FOTOGRAFIA, 2011.



FOTO 312: TÚMULO DA FAMÍLIA DELGADO.
Foto: Amigos da Fotografia, 2011

A autora destacou a importância do ofício de marmorista no período de 40 anos, entre 1890 e 1930, preocupando-se “em destacar a causalidade artística e o valor cultural que restam daquela época” (BORGES, 1991). Em seu trabalho, que abrangeu a região de Ribeirão Preto, a autora inventariou mais de trinta túmulos executados pelas marmorarias pesquisadas por ela, compreendendo-os como edificações de natureza artística e funerária, que se tornaram “objeto técnico e encontra-se, na história das artes, entre o artesanato e a indústria” (BORGES, 2002, p. 171). O levantamento feito por esta autora foi utilizado como principal referência para a seleção dos túmulos com significado artístico e arquitetônico. Nesta categoria, foram inventariados 22 túmulos nos quais se destaca uma série de esculturas e adornos em mármore. De acordo com Marília Elísia Borges:

Esse cemitério convencional secularizado nos deixa nítidas a exaltação da morte, a intolerância de perder um ente próximo e também a imortalização dos mesmos através dos monumentos ali instalados. [...]. Vê-se que no silêncio dos símbolos presentes, produziu-se certo gosto artístico facilmente assimilado pela população local: o neoclássico, o ecletismo, o realismo e o *art nouveau*. [...]. Suas expressões plásticas nos revelam diferentes períodos que a cidade vivenciou, dentre eles o auge do café com seus coronéis; as diversas crises, como por exemplo, a de 1929; as epidemias de febre amarela e de varíola; o ciclo da cana-de-açúcar e da agroindústria, enfim ficam expressas as diferenças sociais dentro de um mesmo recinto repleto de memórias. [...]

No decorrer do trabalho de pesquisa foi possível perceber que as relações entre a população e aquele espaço construído eram mais complexas e ultrapassavam o valor estético e arquitetônico dos túmulos ali contidos. As entrevistas indicaram a existência de um verdadeiro complexo cultural, produzindo uma variedade de significados e sentidos culturais diferenciados para o ribeirãopretano. Foi possível identificar a ocorrência de celebrações (missas, cultos e manifestações religiosas diversas); modos de fazer e ofícios, como os marmoristas; além das próprias edificações, cujo significado se assenta do trabalho dos artistas-artesãos do início do século XX.

Com esta nova visão, ao longo de 2011, durante o trabalho de identificação e de seleção dos túmulos que integrariam o conjunto do Cemitério da Saudade passou-se a utilizar um conceito ampliado de patrimônio cultural, categorizando o próprio Cemitério como um Lugar e não como uma Edificação. O conceito de referência cultural foi fundamental nesta mudança de percepção dos pesquisadores.

De acordo com Cecília Londres (2000) ao propor a preservação de um bem a partir do conceito de referência cultural deseja-se que seja considerado mais do que o seu valor histórico e arquitetônico. Deve-se levar em conta o seu valor simbólico, ou seja, o seu significado para os indivíduos de uma determinada localidade.

O enquadramento do Cemitério da Saudade na categoria de Lugar (INRC, 2000), passou a justificar-se pelo fato de caracterizar-se como um espaço que abriga densidades diferentes quanto às atividades e sentidos abrigados, ocupando uma centralidade na vida da comunidade local, reconhecidos em representações simbólicas e narrativas (INRC, 2010, p. 32). O Cemitério reúne uma complexidade de referências culturais, envolvendo valores estéticos, arquitetônicos, religiosos,

cívicos e afetivos. Esta decisão metodológica passou a nortear as atividades da equipe de pesquisa.

Depois de localizados os túmulos com valor estético e arquitetônico, a partir das pesquisas de Borges (1991), passou-se ao inventário das sepulturas daqueles que representavam uma importante referência cultural (LONDRES, 2000) quanto ao seu significado histórico e simbólico. Para isso, foram levantadas as sepulturas mais visitadas, a partir de informações do escritório (administração) do Cemitério e foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema e sobre o município de Ribeirão Preto presente no acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

No que tange ao significado histórico foram selecionados os túmulos cujos sepultados tiveram relação com a história do município, como os antigos coronéis e políticos do período do auge econômico do café, além de empresários, artistas, entre outros.

Quanto ao significado simbólico/religioso foram identificados, a partir de entrevistas com o questionário próprio da metodologia proposta pelo IPHAN, túmulos que se tornaram objeto de culto, relacionadas a estas construções ocorrem celebrações religiosas, destacando-se o papel da religiosidade popular, marcada pelo devocionismo.



FOTO 13: TÚMULO DO MENINO ZEZINHO.
FOTO: AMIGOS DA FOTOGRAFIA, 2011.



FOTO 5: TÚMULO DAS ALAMAS. FOTO: AMIGOS
DA FOTOGRAFIA, 2011.

Neste caso, destacam-se os túmulos do Menino Zezinho, da Menina Piedade, de Dom Giovanni Rabaioli, dois túmulos dedicados às Almas e o túmulo do Frei Santos Ramires. Este último foi o superior da Ordem dos Agostinianos Recoletos entre o final do século XIX e o início do século XX. Está sepultado na quadra 08, sem número, entre os túmulos 1.114 e 2.398, juntamente com outros 22

religiosos. Depois da sua morte, ao longo do tempo, a sua sepultura tornou-se um local de peregrinação de devotos. De acordo com a administração do Cemitério da Saudade, o Túmulo dos Padres, como é conhecido o local de sepultamento do Frei Santos Ramires, é um dos mais visitados do cemitério.

Reunindo todas as categorias totalizou-se 70 bens incluindo o portal monumental (com os muros e gavetas), o cruzeiro, a capela e 67 túmulos.

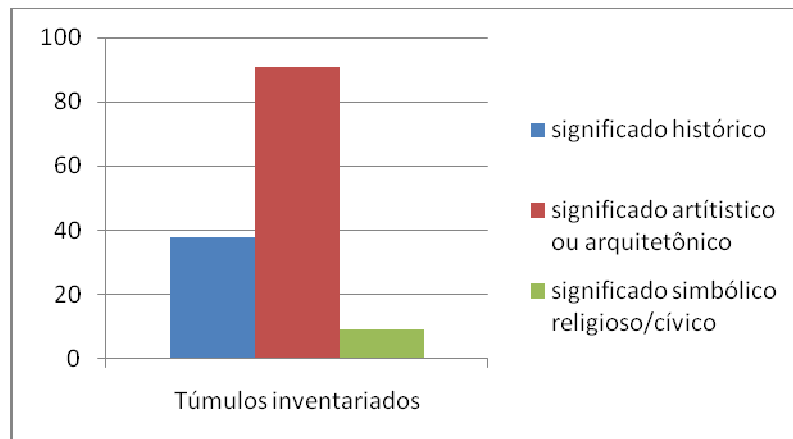


Gráfico 1: Túmulos inventariados por critério de seleção

Com base nos resultados desta pesquisa é possível perceber que, como um espelho da cidade dos vivos, a cidade dos mortos guarda vários sentidos, caracterizando-se como lugar de devoção, de relações sociais e de diversas vivências. Um lugar que ganha vida pelas várias práticas cotidianas de todos aqueles que, de alguma forma, tem este lugar como uma importante referência cultural.

4. Considerações sobre a aplicação de pesquisa de cotas por questionário aplicadas em 2010.



Na análise feita pelo IPHAN em relação ao relatório da fase 1, os técnicos solicitaram que fossem realizadas considerações sobre a aplicação de pesquisa de cotas por questionário aplicadas em 2010. Com base neste pedido e objetivando apresentar no VII ENCULT (Encontro Nacional Multidisciplinar de Cultura), ocorrido na Bahia, os pesquisadores Delson Ferreira e Daniela Tincani, responsáveis pelo referido instrumento de pesquisa apresentaram um artigo. O mesmo encontra-se fielmente reproduzido, abaixo.

3.1. Percepções e entendimentos da População de Ribeirão Preto sobre a sua Identidade Cultural: Pesquisa Preliminar⁵.

Daniela Pereira Tincani

Delson Ferreira

O Inventário de Bens Culturais de Ribeirão Preto se caracteriza como um levantamento de dados que visa à consolidação de um diagnóstico local no que se refere aos bens culturais de natureza material e imaterial presentes no município. O trabalho do Inventário se realizou a partir de procedimentos metodológicos desenvolvidos em parceria e sob a chancela do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, por meio do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais e o Plano de Ação para as Cidades Históricas.

O trabalho foi viabilizado por meio da integração de parceria entre o poder público, sociedade civil e iniciativa privada, uma vez que a Diretoria de Patrimônio da Secretaria Municipal da Cultura formou uma Rede de Cooperação de Pesquisa intitulada “Identidades Culturais”, que foi estabelecida em fevereiro de 2010. Estiveram envolvidos neste programa pesquisadores das seguintes instituições: Secretaria Municipal de Planejamento, Coderp (Companhia de Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto), CONPPAC-RP, Instituições de Ensino Superior da rede privada e pública – UNAERP, Centro Universitário Barão de Mauá, Centro Universitário Moura Lacerda, Faculdades COC – Centro Universitário UNISEB COC, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP – FEA-USP, Curso de Ciências da Informação da USP-, IPERP (Instituto de Pesquisa e Estudos de

⁵ Texto originalmente publicado no VII ENECULT, Bahia, 2010.

Ribeirão Preto), Sindicato dos Arquitetos de Ribeirão Preto, IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil, MIS – Museu da Imagem e do Som, Grupo Amigos da Fotografia e empresas da iniciativa privada que financiaram a permanência de estagiários no projeto – União Empreendimentos e Acirp – Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto.

O Programa Café com Açúcar da Secretaria Municipal de Cultura de Ribeirão Preto tem como objetivo gerar ações permanentes de curto, médio e longo prazo de Políticas Públicas de Cultura no âmbito municipal e incorporar diversos projetos transitórios de acordo com a fase de execução do é proposto em seu escopo principal.

A primeira fase do inventário consistiu no levantamento preliminar do sitio para, depois, avançar na identificação e documentação. Nesta fase, o IPERP e Faculdades COC desenvolveram, com o apoio e participação da Secretaria da Cultura e outras instituições conveniadas ao projeto, uma pesquisa de campo, aqui denominada “Pesquisa Preliminar”, envolvendo as sete áreas geográficas previamente definidas do sitio de Ribeirão Preto.

Foram quatro os itens destacados no levantamento preliminar e que constituíram os problemas específicos de pesquisa a resolver:

1. O que a comunidade destaca de forma reiterada como bem de significação diferenciada enquanto marca de sua identidade?
2. O que o conhecimento acumulado sobre o sítio permite destacar?
3. O que se verifica ser relevante comparativamente, por semelhança ou contraste com o que ocorre na região de entorno da área inventariada?
4. Qual a vigência da referência? Nas práticas sociais atuais ou na memória?

Método de coleta de dados

O levantamento preliminar foi realizado entre junho e setembro de 2010, em seis das sete áreas a serem inventariadas no sitio de Ribeirão Preto: Centro da cidade, Vila Tibério, Campos Elíseos, Vila Virgínia (bairro da República), Ipiranga e o centro do distrito de Bonfim Paulista. O Museu do Café, por ficar dentro do Campus da Universidade de São Paulo, será investigado especificamente no futuro por meio de outro instrumento de pesquisa. Dentro destas áreas foram fixados pontos de coleta de dados, que se caracterizam por terem um grande fluxo de pessoas.

Uma vez que o objetivo era verificar o que a comunidade destaca como marca de sua identidade, a coleta foi definida e realizada na forma de entrevista pessoal por meio de um formulário de pesquisa estruturado, não disfarçado com perguntas abertas e fechadas, conferindo a este instrumento um caráter metodológico quali-quantitativo.

Este caráter prevaleceu a despeito de a pesquisa ser descritiva quantitativa, pois que a intenção era descrever as impressões da comunidade sobre o perfil da sua identidade cultural. Segundo Malhotra (2011), a pesquisa qualitativa proporciona melhor visão e compreensão do cenário do problema, já que investiga o problema com algumas noções preconcebidas sobre o resultado da investigação, em contrapartida, a pesquisa quantitativa, ainda segundo o autor procura quantificar os dados, busca, para tanto uma evidência conclusiva baseada em amostras grandes e representativas e normalmente envolve alguma forma de análise estatística, como foi no caso desta pesquisa preliminar.

O processo de amostragem foi delimitado por cotas e realizado em dois estágios diferentes, mas tecnicamente complementares entre si. Para Malhotra, no processo de amostragem a população é definida, a estrutura de amostragem é compilada, e as unidades de amostragem são extraídas de acordo com uma técnica apropriada para atingir o tamanho da amostra (2001 p. 274).

O primeiro estágio consistiu no desenvolvimento de categorias de controle, ou cotas, dos elementos da população-alvo, que, neste caso, foi composta pelos moradores que residem em Ribeirão Preto há mais de dois anos, com a seguinte configuração numérica ⁶:

- Bairros/ distrito:

⁶ Fontes para elaboração das Tabelas (3)Fonte: IBGE 2000 – a partir dos 10 anos; (4) Fonte: IBGE 2000; (5) Fonte: Novo Critério de Classificação Brasil 2008. Critério por renda familiar – Fonte ABEP. Base – perfil da população brasileira.

Bairros/Distrito	NA	%
Campos Elíseos	135	27
Ipiranga	110	22
Vila Tibério	71	14
Vila Virgínia	80	16
Centro	63	13
Bonfim (distrito)	36	7
TOTAL	495	100

Tabela 1 – Composição da amostra – divisão por área geográfica

- Variáveis dependentes

Idade ³	%	NA da Amostra	Masc. ⁴	Fem.
18 a 24	19	96	46	50
25 a 39	35	171	82	89
40 a 59	32	156	75	81
60 a 69	8	40	19	21
70 a 79	5	23	11	12
80 mais	2	9	4	5
TOTAL	100	495	238	257

Tabela 2 – Composição da Amostra – por idade e gênero

Idade ³	%	NA da Amostra	Masc. ⁴	Fem.
18 a 24	19	96	46	50
25 a 39	35	171	82	89
40 a 59	32	156	75	81
60 a 69	8	40	19	21
70 a 79	5	23	11	12
80 mais	2	9	4	5
TOTAL	100	495	238	257

Tabela 2 – Composição da Amostra – por idade e gênero

- Variável independente

Classe ⁵	Universo	%	NA da Amostra
A1	5.049,23	1	5
A2	20.196,92	4	20
B1	45.443,07	9	45
B2	75.738,45	15	74
C1	106.033,8	21	104
C2	111.083,1	22	109
D	126.230,8	25	124
E	15.147,69	3	15
TOTAL	504.923	100	495

Tabela 3 – Composição da amostra – por classe socioeconômica

A amostragem neste primeiro estágio serviu para assegurar que a proporção em relação às variáveis desejáveis na pesquisa fosse refletida na amostra. As cotas, nesse tipo específico de pesquisa, são utilizadas para garantir que a composição técnica da amostra seja a mesma da composição da população.

Uma vez atribuídas as cotas, o segundo estágio foi definido pelo processo por conveniência, que visou obter uma amostra de elementos com base na conveniência do pesquisador de campo, ou seja, os entrevistados foram escolhidos para a entrevista de pesquisa por estarem no lugar certo, na hora certa. Para Malhotra (2011), a amostragem por conveniência envolve a obtenção de uma amostra de elementos baseada na conveniência do pesquisador e a seleção das unidades cabe principalmente ao entrevistador e os entrevistados frequentemente são selecionados por estarem no lugar certo e no momento certo. (p. 275)

No total, foram aplicados 495 formulários que, considerando o universo maior de 10 mil habitantes, garantiu uma margem de segurança na ordem de 95,5% e um erro padrão que ficou em 4,5 pontos percentuais para mais ou para menos.

No que se refere à parte qualitativa, dados relevantes foram obtidos por meio de respostas espontâneas às perguntas abertas colocadas estrategicamente no formulário de questões. Neste item, o método de apuração dos resultados finais foi o seguinte:

1. Cálculo de média aritmética simples para a série de dados percentuais obtidos pela pesquisa nos seis bairros escolhidos pela amostra.

2. Somatório dos dados absolutos obtidos por meio da contagem numérica simples das respostas.

Resultados principais do levantamento de campo

A maioria dos pesquisados (62%) diz saber o que é um bem cultural, sendo que destes, a maioria (51%) acredita que os bens culturais estão relacionados aos prédios antigos ou históricos.

Dos que dizem saber o que é um bem cultural, a maioria detectada está na classe C1 (23%), mas quando se analisou este dado em relação ao total de cada classe social, percebeu-se que, proporcionalmente, as classes que mais sabem o que é bem cultural são as A1, A2, B1 e B2, cada uma delas com mais de 70% de participação em relação ao total de pessoas dessas classes sociais.

No que se refere à idade dos que dizem saber o que é um bem cultural, a maioria é de 25 a 39 anos (41%); destes, a maior parte pertence ao sexo masculino (71%). Mas, a análise em relação ao total de cada faixa etária, demonstrou, proporcionalmente, o seguinte: as faixas etárias que mais sabem o que é bem cultural são as de 18 a 60 anos, os mais idosos representam pouco do total dos que sabem o que é um bem cultural.

Questionados sobre a ação do poder público, a grande maioria (91%) entende que o poder público deve investir recursos financeiros em atividades de preservação de bens culturais (prédios históricos ou festas simbólicas).

Para os ribeirões-pretanos, os três prédios mais importantes da cidade são: Teatro Pedro II (49%), Pinguim (6%) e Museu do Café (5%).

Ao se analisar essa questão dividindo-se por faixa etária e gênero, fica demonstrado que a única diferença de resposta, em relação ao primeiro lugar, está nos homens de faixa etária acima de 80 anos, que apresentou um equilíbrio em relação às respostas.

Nas maiores faixas etárias da pesquisa, as mulheres de 25 a 39 anos, incluíram a Biblioteca Altino Arantes em 2º lugar e os homens incluíram Teatros em 3º lugar. Já na faixa de 40 a 59 anos, os homens incluíram os Casarões do Centro em 2º lugar e o Pinguim em 3º, e as mulheres incluíram Teatros em 2º lugar. O público mais idoso, representado por pessoas de 70 a mais de 80 anos, contribuiu com menos opções de resposta a esta questão.

As três festas culturais mais importantes da cidade, segundo os entrevistados

são: Feira do Livro (31%), Tanabata (17%) e Aniversário de Ribeirão Preto (5%). Mas, por outro lado, 24% dizem não saber qual é a festa cultural mais importante da cidade.

Quando se analisou essa questão dividindo-a por faixa etária e gênero, ficou demonstrado que as diferenças de respostas, em relação ao primeiro lugar, encontram-se no público mais idoso. As mulheres de 70 a 79 anos não demarcam preferência para uma festa cultural específica e os homens desta faixa etária destacam a Agrishow. Já os homens com mais de 80 anos dão destaque ao aniversário de Ribeirão Preto em primeiro lugar.

Nas maiores faixas etárias da pesquisa, as mulheres de 25 a 39 anos, incluíram a Folia de Reis em 3º lugar e os homens incluíram Festas Juninas em 3º lugar. Já na faixa de 40 a 59 anos, os homens incluíram a Folia de Reis em 3º lugar. Um fato curioso a se notar é que as quermesses foram citadas apenas pelos homens de 25 a 39 anos. O público mais velho, representado por pessoas de 70 a mais de 80 anos, contribuiu com menos opções de resposta a esta questão.

De acordo os ribeirão-pretanos, os três lugares culturais mais importantes da cidade são, pela ordem: Parque Curupira (Jáballi) (13%), Museu do Café (10%) e Teatro Pedro II (10%). 22%, entretanto, dizem não saber qual é o lugar cultural mais importante da cidade.

A análise da questão pelo procedimento de divisão por faixa etária e gênero, revela que as diferenças de respostas, em relação ao primeiro lugar, são maiores do que quando se perguntou sobre Prédios e Festas.

Nas maiores faixas etárias da pesquisa, as mulheres de 25 a 39 anos, incluíram Praças em 3º lugar e os homens incluíram o Bosque Municipal em 3º lugar. Já na faixa de 40 a 59 anos, as mulheres colocam o Museu do Café em 1º lugar e incluíram Bosque Municipal em 2º lugar e as Sete Capelas em 3º lugar. O público mais velho, por sua vez, representado por pessoas de 70 a mais de 80 anos, contribuiu com menos opções de resposta a esta questão.

Os entrevistados também foram questionados sobre o título de Cidade da Cultura, que Ribeirão Preto recebeu em 2010. Como resultado, tivemos que maioria dos entrevistados (58%) não concorda que a cidade deva receber este título nos dias atuais, pelos seguintes motivos:

- Falta de investimento / manutenção do poder público: 159 respostas;
- Falta de eventos: 8 respostas;

- Vocação para a agricultura: 8 respostas;
- Ausência de interesse da população: 6 respostas;
- Vocação comercial: 5 respostas;
- Ausência de escolas: 5 respostas;
- Ausência de equipamentos públicos: 2 respostas;
- Violência: 2 respostas;
- Os políticos incompetentes / corruptos não atuam: 2 respostas;
- Não sabem / não responderam: 45 respostas.

Dos que concordam (41%) com o título de Cidade da Cultura, disseram que os motivos são:

- Há condições pré-existentes: históricas / investimentos: 77 respostas;
- Há eventos culturais: 51 respostas;
- Existem escolas / cursos superiores: 22 respostas;
- Há prédios públicos para a cultura: 13 respostas;
- Não sabem / não responderam: 32 respostas.

Um dos pontos de destaque da pesquisa preliminar foi verificar a opinião dos cidadãos ribeirão-pretanos quanto à preservação dos bens materiais da cidade.

Como metodologia de pesquisa, os entrevistadores apresentavam uma lista com seis importantes referências culturais da cidade e solicitavam para que dessem uma nota de 1 a 5, dentro de uma escala itemizada, também apresentada aos entrevistados. A autora Samara entende que para perguntas com escalas de diferenciais, como a usada na pesquisa, a tabulação das respostas deve ser ponderada, uma vez que a análise é qualitativa (2007, p. 171). Sendo assim, com a média ponderada, pode-se chegar ao resultado geral apresentado no Gráfico 1.

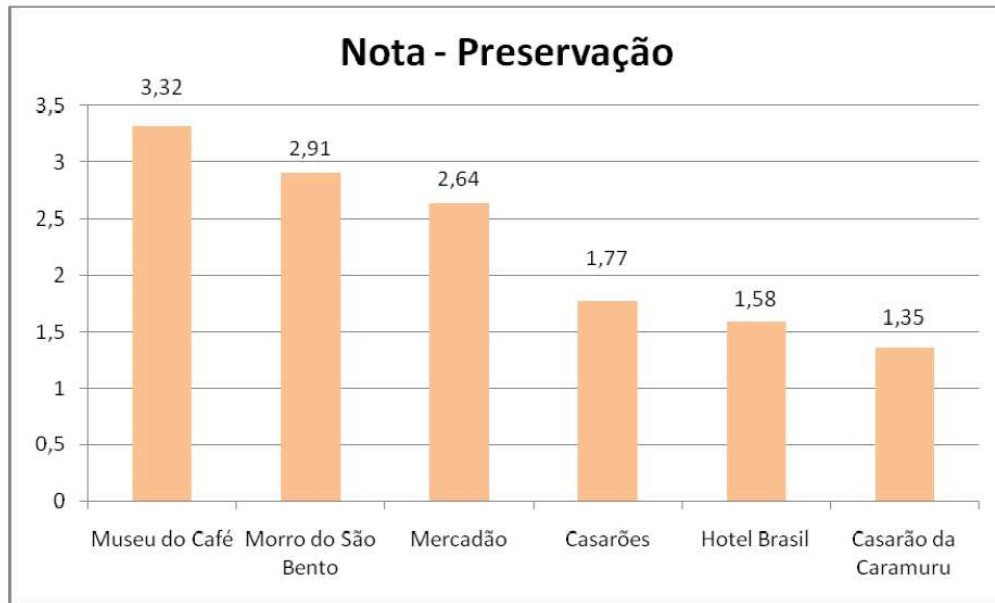


Gráfico 1 – Avaliação sobre o grau de preservação dos patrimônios

Escala:

Nota 1 – não preservado

Nota 2 – pouco preservado

Nota 3 – meio preservado

Nota 4 – preservado

Nota 5 – bem preservado

Para os entrevistados, o Casarão da Caramuru e o Hotel Brasil, são bens importantes que não estão preservados. O Museu do Café é considerado pelos entrevistados como “meio preservado”. O casarão da Caramuru foi avaliado por 70% dos entrevistados, o Hotel Brasil foi avaliado por 76% e o Museu do Café foi avaliado por 77% dos entrevistados, demonstrando que são bens culturais bem conhecidos pela população.

Usando outra lista, com onze propostas de ações de restauro de bens culturais materiais e incentivo a manifestações culturais, os entrevistados avaliaram dando notas de 1 a 5 em relação ao grau de importância destas ações. A média ponderada das notas pode ser conferida no Gráfico 2.

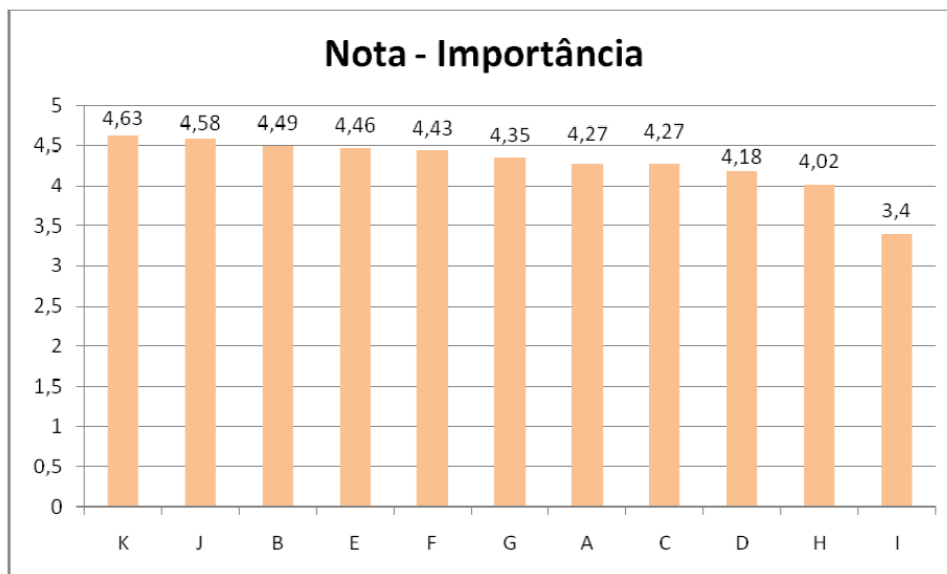


Gráfico 2 – Avaliação sobre a importância das ações culturais

Escala

Nota 1 – nenhuma importância

Nota 2 – pouca importância

Nota 3 – média importância

Nota 4 – importante

Nota 5 – grande importância

LEGENDAS

A – restauração do Casarão da Caramuru

B – restauração do prédio do antigo Hotel Brasil

C – restauração do prédio da antiga fábrica Cianê

D – restauração do prédio dos antigos barracões do café da CEAGESP

E – revitalização do Morro do São Bento

F – revitalização dos Museus do Café e o Histórico

G – realização de projetos que preservem a história da cultura negra e afro-descendente local

H – realização de projetos que preservem a história da imigração italiana

I – realização de projetos que preservem a história da imigração japonesa

J – revitalização do Mercado

K – abertura do prédio do antigo Hotel Palace como centro cultural

Os entrevistados consideram a realização de projetos e políticas que preservem a história da imigração japonesa como uma ação de média importância. Já a revitalização do Mercado e a abertura do prédio do antigo Hotel Palace como centro cultural, foram consideradas ações de importância ou grande importância.

A ação de realização de projetos que preservem a história da imigração japonesa foi avaliada por 87% dos entrevistados, a revitalização do Mercado por 93% e a abertura do antigo Hotel Palace como centro cultural por 88%, demonstrando o entendimento da população pesquisada em relação às propostas de ação apresentadas.

Posteriormente à avaliação, os entrevistadores solicitaram outras sugestões de ações, cujas respostas ficaram distribuídas em seus dados da seguinte forma: Criação e melhoria de eventos para lazer e cultura: 67 respostas; Restauração e preservação de locais e prédios históricos públicos: 54 respostas; Restauração e preservação de locais e prédios históricos particulares: 17 respostas; Divulgação eficaz de eventos culturais: 4 respostas; Criação e realização de atividades de lazer e cultura nos bairros: 4 respostas; Volta da cervejaria: 4 respostas; Criação e realização de atividades para crianças: 2 respostas; Criação de bibliotecas no bairro: 2 respostas; Solicitações fora da área cultural: 2 respostas.

Considerações finais: Análise Final e Propostas Para Políticas Públicas Culturais em Ribeirão Preto

Essa Pesquisa Preliminar trabalhou, em seu referencial metodológico principal, com coleta de dados em processo não probabilístico por cotas, o que não permite a sua extrapolação interpretativa direta e imediata para todo o universo da população do município. Por ter adotado metodologia por cotas, a pesquisa ouviu e registrou opiniões de munícipes de diversas idades, classes sociais (renda familiar) nos bairros de maior interesse ao foco determinado pelo Projeto Identidade Cultural.

Para além desse fato técnico, entretanto, faz-se importante ressaltar que os seus resultados apurados apresentam opiniões e direções fundamentais indicadas pela população para a tomada de decisões por parte do poder público municipal no que se refere à implantação, efetivação e realização continuada políticas públicas de Estado no âmbito da cultura em Ribeirão Preto.

Ressalvadas as cautelas que são devidas em relação ao uso técnico da composição da amostra de população que foi objeto da pesquisa e justificada a sua

relevância, seguem as principais análises dos pesquisadores, bem como as suas propostas para ações de Política Pública Cultural para o município:

O objetivo principal deste Projeto é fazer com que os munícipes reconheçam as suas identidades culturais locais e, com isso, percebam a importância de a cidade se colocar na condição efetiva de vivenciar o título de “Cidade da Cultura”, não apenas neste ano de 2010, mas de modo continuado e permanente;

O maior motivo pelo qual a população de Ribeirão Preto não reconhece a cidade como sendo Cidade / Capital da Cultura deve-se a carência e à falta persistente de investimentos públicos no setor, entendendo como investimento as dotações orçamentárias específicas em percentuais maiores do que os atuais e a ação de definição, implementação e manutenção em caráter permanente – independentemente de governos e partidos políticos – de Políticas Públicas Culturais de Estado;

A população reconhece, em termos genéricos, um bem cultural como sendo um prédio histórico. O primeiro passo, portanto, para o Poder Público corresponder com ações efetivas e eficazes a esse reconhecimento, é investir na revitalização e uso público de dois dos prédios principais que representam a cultura cafeeira na cidade – Hotel Palace e Hotel Brasil.

Estes prédios, uma vez restaurados, podem e devem abrigar projetos e ações permanentes que incentivem a cultura ligada à arquitetura local, às artes plásticas, o teatro, a música e a dança, incluindo espaços para reavivar e incentivar, em contexto e ambiente de experiência multicultural, as manifestações da cultura popular, como por exemplo, as expressões religiosas e do carnaval, ambas citadas na pesquisa;

- Apesar de não serem referentes à cultura cafeeira, a Feira do Livro e o aniversário da cidade, que têm acontecido juntos, devem ser priorizados pelo Poder Público com políticas públicas efetivas e eficazes, uma vez que são reconhecidos pela amostra da população pesquisada como os eventos culturais mais importantes da cidade. Nestes eventos, a temática do Projeto Café com Açúcar pode ser evidenciada com ações as mais diversas;
- Nos bairros, a Política Pública de Cultura deve trabalhar com os bens culturais citados, criando roteiros de visitação, aprendizado histórico e vivência cultural para toda a população. No Ipiranga, a Estação Barracão; nos Campos Elíseos, os galpões da Cianê; na Vila Tibério, a Maria Fumaça

(estrada de ferro); no centro, o Teatro Pedro II; na Vila Virgínia, as manifestações da cultura popular por meio da Folia de Reis e pelo uso do Casarão da Caramuru após restauração; e no distrito de Bonfim, a quermesse de Nossa Senhora da Aparecida;

- As três ações demandadas que obtiveram maior nota em relação ao grau de importância foram: conclusão da obra e abertura rápida do antigo Hotel Palace como Centro Cultural, revitalização completa do Mercado do centro e restauração do antigo Hotel Brasil. Estas ações devem receber atenção especial do Poder Público e da Política Pública de Cultura, conforme mencionado acima;

Além do investimento de recursos na restauração, preservação e manutenção de prédios históricos (públicos ou privados), o Poder Público deve empreender ações efetivas e eficazes para criação, incentivo e melhoria dos eventos culturais em sua diversidade, que devem ser objeto de atenção de Política Pública de Estado clara e específica, definida em conjunto e consenso político com os setores organizados da militância e da ação cultural local, que aloque efetivamente recursos orçamentários a serem conquistados, uma vez que este ponto foi sugerido por grande parcela do público pesquisado.

Referências dos relatórios apresentados pelos grupos.

ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO – *Estatístico, Histórico, Industrial, Commercial, Agrícola, Literário, Informações e Variedades*. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913.

ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO. *Documentos do Fundo Intendência*. Fundo PMRP, Biblioteca de Apoio.

_____. **Histórico de Bonfim Paulista**. 2008.

BORGES, Maria Elizia. *A pintura na Capital do Café: sua História e a Evolução no Período da Primeira República*. São Paulo, 1999. UNESP – Franca. São Paulo

_____. **Arte Tumular**. São Paulo, ECA-USP, 1991 – doutorado.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução de Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAPRI, Roberto. **O Estado de São Paulo e seus Municípios**. São Paulo: Typ Pocaí & Weiss, 1913. 352 p.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Vol I, II, III, IV,V. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997. 1030 p.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

COSTA, Osmani Emboaba da. **História da Fundação de Ribeirão Preto**. São Paulo, 1955.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **O velho Estadão**. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

DOIN, José Everaldo. **A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930): a resposta do Cemumc**. Revista brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005>. Acesso em: 09 outubro 2010.

EMBOABA, Osmani. **História da Fundação de Ribeirão Preto**. Coleção da Revista de História 1955”, São Paulo.

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003. Pág. 118.

FERNANDES, Thathy Mariana. **Atividades musicais urbanas em Ribeirão Preto nas primeiras décadas do século XX**. Mestrado. UNESP - Franca. 2008

FERRAZ JÚNIOR, José Pedrosa. **A criação da Orquestra Sinfônica na Ribeirão Preto dos anos de 1930**. 2006. 50 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em História, cultura e sociedade). Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Da modernização à participação**: a política federal de preservação nos anos 70 e 80. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro: Iphan, nº. 24, p. 153-165, 1996.

_____. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/ Minc-IPHAN, 1997.

GAETANI, Marcelo. **Arquitetura Residencial no Centro da Cidade de Ribeirão Preto no Período 1915 a 1945**. Dissertação de Mestrado – Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo – 1999.

GOMES, F. **Cravinhos Histórico, Geographico, Commercial, Agrícola**. Ribeirão Preto: Typographia Selles, 1922 .

GRELLET, Ivone (Textos); NEVES, Antonio Walter Alves e BONFIM, Welfredo Felix (Consultores Históricos). **Bonfim Paulista**: Edição Histórica. Bonfim Paulista, 1999.

GUMIERO, Elaine Aparecida. **Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio**: 1890 – 1937. 2000. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2000.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: INRC - Manual de Aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. **Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

ICOMOS. **Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Veneza, maio de 1964.

LAGES, José Antonio Corrêa. **Ribeirão Preto**: da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros na primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e Gráfica, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, 4ª Ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS/Edusc, 2002, vol. 17, nº 49, p. 11-29.

_____. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. São Paulo, Tempo Social – USP, abril de 2003, p. 81-95.

MERCOSUL. **Carta de Mar Del Plata sobre Patrimônio Intangível**. Junho de 1997. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=269>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MOLINARI, Gustavo Augusto. **Belmácio Pousa Godinho: Vida e Obra do Compositor Paulista: Dissertação - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: Programa de Pós-graduação em Música, Área de Concentração: Processos de Criação Musical, na linha de pesquisa Técnicas Compositivas e Questões Interpretativas** São Paulo. 2007.

O.E.A. – Organização dos Estados Americanos. **Reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse Histórico e Artístico**. Novembro/Dezembro de 1967. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=238>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Theatro Pedro II. Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/fundacao/teatro/i36historia.php>. Acesso em 11 dez. 2011.

PINTO, Luciana Suarez Galvão. **Ribeirão Preto: A dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930**. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2000.

REDE de Cooperação Identidades Culturais. **Relatório da Fase 1 do INRC**. Ribeirão Preto: Secretaria da Cultura, 2010.

SANTO, Silvia Maria do Espírito Santo; REGISTRO, Tânia Cristina. **A preservação cultural em Ribeirão Preto, SP**. Revista Museu, 2002. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=5555>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

SUNEGA, Renata. **Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Identidades Culturais).

TINCANI, Daniela Pereira e FERREIRA, Delson. **Percepções e entendimentos da população de Ribeirão Preto sobre a sua identidade cultural: pesquisa preliminar**. *Anais do VII ENECULT*, p. 1-14. ISBN: 85-60186-00-X. Salvador: UFBa, 3-5 de agosto de 2011.

UNESCO. **Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura – 9ª sessão**. Nova Delhi: UNESCO, 1956. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.doid234>. Acesso em: 20 nov. 2011.

UNESCO. *Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a educação*. Recomendação de Paris. Paris: UNESCO, 17 out. 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.doid271>. Acesso em: 25 nov. 2011.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto**. Coleção Identidades Culturais, volume 2. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VELHO, Gilberto. *“Patrimônio, Negociação e Conflito”*, in: MANA 12(1): 237-248, 2006.

Theatro Pedro II <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/fundacao/teatro/i36principal.php>>

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BELMONTE, Agostiniano. Raízes de um povo. 100 anos de presença dos Agostinianos Recoletos no Brasil (1899-1999). Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1999.

BORGES, M. E. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** o ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002, 312 p.

_____. **Arte Tumular:** a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República. 1991. Vol I e Vol II -444 f. Tese (Doutorado em Artes) – Departamento de Artes Plásticas, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BORGES, M. E. **Arte Funerária no Brasil.** Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/index.php>>. Acesso em: 08 set. 2011.

FORCHI, G. M. Morte, cemitério e jazigos: reflexões a partir do cemitério municipal de Joinville/SC. **Revista Ágora**, Salgueiro-PE, v. 5, n. 1, p. 62-80, agos. 2010. Disponível em: <<http://www.iseseduca.com.br/pdf/revista5/6%20a%20morte%20cemiterio.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2011.

Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

LONDRES, C. Referências Culturais: bases para novas políticas de patrimônio. In: **Inventário Nacional de Referências Culturais:** manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

Rede de Cooperação Identidades Culturais. **Relatório da Fase 1 do Inventário Nacional de Referências Culturais.** Ribeirão Preto: Secretaria Municipal da Cultura, 2010.

REGISTRO, T. C. **O Cemitério da Saudade de Ribeirão Preto.** Trabalho de conclusão do curso “A Dimensão Histórica da Morte Burguesa nos Séculos XIX e XX”, ministrado pela Profa. Dra. Maria Elízia Borges, UNESP -Franca, 1994.

REIS, J. J. **A morte é uma Festa.** Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSA, L.R.; REGISTRO et al. Ruas e Caminhos de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2006.

BOSI, A. **Dialética de colonização.** 10ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992. 408p.

CASTRIOTA, L.B. **Patrimônio Cultural.** Conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto.** Vol I, II, III, IV,V. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997. 1030 p.

CHASTEL, André. **A invenção do inventário.** Revue de l'Art, n.87. Paris, CNRS, 1990. Tradução e notas de João B. Serra.

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina.** Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003. Pág. 118.

FONSECA, Maria Cecília Londres. A Noção de Referência Cultural nos Trabalhos de Inventário. In: MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Resende. **Inventários de Identificação: um panorama da experiência brasileira.** Rio de Janeiro, IPHAN, 1998, p. 29-30.

FRANCISCO, Rita de Cássia. **Inventário como ferramenta de preservação: a experiência da cidade de Campinas/SP.** Revista CPC (Centro de Preservação Cultural - USP), São Paulo, n. 6, p. 119-141, maio 2008/out. 2008.

GOODEY, Brian. A Sinalização interpretativa. In: MURTA, S. M. & ALBANO, C. (org). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002.

GUMIERO, Elaine Aparecida. **Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio: 1890 – 1937**. 2000. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2000.

JUNIOR, Washington de Bessa Barbosa. **Carnaval Festa do Povo – Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica**. Fundação Instituto do Livro. 1º Volume, Coleção Identidades Culturais. 2010.

LAGES, José Antonio Corrêa. **Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros na primeira metade do século XIX**. Ribeirão Preto: VGA Editora e Gráfica, 1996.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920)**. 2004. 348 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2004.

PRATES, P. C. **Ribeirão Preto de outrora**. 4ª ed. Ribeirão Preto: Gráfica Bandeirante, 1975. 274p.

PINTO, Luciana Suarez Galvão. **Ribeirão Preto: A dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930**. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2000.

PINTO, V. N. **Comunicação e cultura brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

SAMARA, Beatriz e BARROS, José Carlos. **Pesquisa de Marketing**. 4ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

SANTOS, Jonas Rafael dos. **As transformações da riqueza em Ribeirão Preto (1920- 1950)**. 2004. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2004.

TUON, Liamar Izilda. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. 1997. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 1997.

VALADÃO, Valéria. **Memória arquitetônica em Ribeirão Preto - política de preservação e plano diretor**. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de História, Direito e Ciências Sociais do Trabalho. Franca: Universidade Estadual de São Paulo, 1998.

Anexo 1 do Relatório – INRC

- 1- Ficha de Identificação do sítio Ribeirão Preto**
- 2- Anexo 1 e 2**
- 3- Ficha de Identificação da localidade Centro**
- 4- Anexo 3 e 4**
- 5- Exemplo de preenchimento de fichas e questionários em andamento**
 - a. F30 - Quarteirão Paulista**
 - b. Q30 – Quarteirão Paulista**

Anexo 2 do Relatório – SICG

- 1. Cemitério da Saudade – localidade Campos Elíseos**
- 2. Estações Ferroviárias**
- 3. Levantamento parcial de Bonfim Paulista**
- 4. Exemplo de preenchimento de M301, M304 para arquitetura rural – Fazenda Boa Vista do Quinzinho**